



PASSOU O TEMPO EM QUE A MULHER IA PARA A PRAIA SEM PINTURA, NA SAUDÁVEL INTENÇÃO DE APROVEITAR AS DELÍCIAS DO BANHO E DO SOL. HOJE, FAZ-SE A «MAQUILLAGE» PARA IR PARA A PRAIA COMO PARA IR PARA UM BAILE... AS PRAIAS, COMO OS SALÕES, SÃO, AFINAL, PARADAS DE ELEGÂNCIA E DE BELEZA... (Foto UPI)



VIDA MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANARIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO VI—N.º 270
25 DE JULHO DE 1946
PREÇO AVULSO 2500



FRANCINE BENOIT FAZ A DAMUSICAL EM PORTUGAL

FRANCINE BENOIT tem dado à música o melhor da sua esclarecida inteligência. As suas críticas, sempre desempostradas, são servidas por uma forte cultura e uns conhecimentos profundos que fazem de Francine Benoit uma das sólidas mentalidades musicais que existem em Portugal.

Esta entrevista tem, por isso, o interesse vivo que a sua voz autorizada sabe realçar.

A primeira pergunta, Francine Benoit hesita um momento; depois, vivamente interessada, responde sobre a temporada lírica de S. Carlos, que tão brilhantemente decorreu:

— Sim, estimo e admiro a riqueza das melodias da «Fórcia do Destino». Mas como conjunto, considere-a, e bem assim, a «Norma», de Bellini, a «Manon», de Puccini, obras que merecem. Passou a moda de que as ímpios, e o seu convencionalismo torna-se mais evulvente — coisa que não acontece com a extraordinária unidade estética e propriedade na maneira de tratar o assunto no «Falstaff».

— Então gostou só do «Falstaff»?

— Que ideia! De mais a mais com um artista como o barítono Gino Bechi, o protagonista do «Falstaff», e também de um inesquecível «Barbeiro de Sevilha» e do «Rigoletto»... Com inter-

preações dessa natureza é que temos bem presente que uma ópera é uma representação em música note bem isto, senhor redactor! E o Ebe Sigmund, e a Maria Caniglia, não são infalíveis mas grande sopro dramático, sem favor, e o Giulio Neri, e o característico Melchiorre Lusa, melhor do que todos os que vieram para papéis idênticos, antes dele... E o discutido mas muito caro Benjamino Gigli, e o fervor dos fãticos do belo canto que reacendem as famosas rivalidades líricas, opondo em plena lidada da bomba atômica o Gigli ao Tito Schipa, ou vice-versa, como se apunha no galante século XVIII a cantora portuguesa Luísa Todi à cantora italiana La Mara...

E depois dum pausa, a ilustre artista prossegue:

— Se eu prefiro o Gigli ou o Schipa? Quem tem sido meu leitor no *Diário de Lisboa* não precisa que eu responda. Seja como for, guardo os meus entusiasmos pessoais mais rasgados para outras causas.

— Por exemplo?

— Bem, sempre lhe vou dizer, apesar do receto de me aventurar no reino das utopias: o aproveitamento dos nossos valores nacionais, com uma orgânica, uma base que permitira desde temporadas regulares de concertos sinfónicos populares até à consi-

tuição, por vezes tentada, dum companhia lírica portuguesa, com originais portugueses.

— E acha que tínhamos elementos? S. Carlos não deu ultimamente oportunidades aos nossos artistas portugueses?

— Na verdade, estamos por assim dizer metidos num círculo vicioso. Ninguém admite que não haja elementos; se eles se bastam a si próprios, é outro caso! S. Carlos criou um corpo coral, com trabalho permanente, mas mesmo assim foi preciso ensaiar atabalhoada mente estes ou aqueles coros desta ou daquela ópera; e foi preciso contratar, ou sancionar o contrato dum mestre de coros estrangeiro. A orquestra, evidentemente, era a nossa Orquestra Sinfónica Nacional, mas sobrecarregada e sujeita aos ensaios gerais e espectáculos acabaram à hora em que só há carros para as estações de recolha. Verdadeira oportunidade, creio que S. Carlos só a deu à cenografia nacional, isto é, a um cenógrafo-funilarista. Mas aí também, parece-me que se procedeu por experiências, e experiências com base frouxa. Tive a impressão de que se gastava muito dinheiro, e que de repente ele faltava, quando ainda eram preciosos cenários e indumentária, e o que diz respeito à montagem, bem francamente a desajar. Até os vícios de luz, que não lucram capazmente com a existência do famoso órgão de luzes. Como se explica que a cena fique positivamente às escuras, ou que, com uma rajada de fogos deslumbrantes no primeiro plano, para dar à luz de meio dia, o céu fique sombrio, parvo?

— Então, em que lhe parece que estamos, ou que ficamos?

— Qualquer resposta aqui estaria fora de propósito, ou seria teoria pura. Sempre direi que um dos nossos maiores males será, porventura, sonhar demasiadamente com os *Lusitãos* (embora não acredite que muitos de nós,

tenham qualquer coisa que equiva à paciência de os ler).

— Não falou há pouco na necessidade de criar concertos sinfónicos populares? Esqueceu os concertos do Colégio, e os do Coliseu, organizados pela Câmara Municipal?

— Falei, sim, em concertos sinfónicos populares que tenham lugar com regularidade; e acrescento agora: com um caso que permita levantar a profanidade musical, e não deprimitivo; que execuções que estimulem a boa acção do público, sensata e levantadamente. De que serve a Nona Sinfonia de Beethoven, para quem não sabe ni constituir mentalmente a sublimidade que lhe rouba uma interpretação competente? E que orquestra será esta, profissionalmente que só pode aproximar aproximadamente de seis em seis meses?

— Tudo isto que diz é bastante desanimador...

— Pois olhe que está longe de mim a intenção de aceitar o desânimo. Tenho motivos para cultivar até a fé, e entusiasmo até. A pequena sociedade, a música moderna, «Sonata», tem atingido um meio que não é muito vasto, mas que ultrapassa o âmbito familiar, e que, através dele, ganha consciência e capacidade de projecção. O Circo Cultural, por sua vez, ajudando a passar horas momentos. Bem sei, e que escrevo nos jornais não preciso para quem paga não é assim barato, mas também não é inacessível ao comum dos mortais, como foi a temporada lírica em S. Carlos. Pelo círculo, deram-nos extraordinária emção a violinista francesa Ginette Neve, ultrapassada em certo sentido pelo chefe de orquestra polaco Paul Kietlitz, que, além de ser um intérprete de génio, nos deu o exemplo perfeito de instrutor e guia de equipa. E mais ainda, temos em perspectiva a possibilidade dos tais concertos populares regulares, com o aparecimento, à última hora, da Orquestra Sinfónica do Jardim Universitário de Belas Artes...

— Diga, diga!...

— A única prova que chegou a prestar é muito recente. Ficámos todos expectativa. Logo que a nova orquestra preste mais provas, estou convencido de que valerá bem a pena ocupar do assunto, isto é, dela e do seu jovem director, Silva Pereira, um nome fô já como violinista concertista, primeira figura e ensaiador de grupos de música de câmara, intérprete inteligente e música consagrada e da outra, que possivelmente o será um dia. Tudo isto, tem mais significado, mais conteúdo, a priori, do que a sobria e intelectualmente pacata temporada lírica em S. Carlos, «Falstaff» aparte. Claro, quando pudermos ter espectáculo líricos que reflitam a nossa época, o caso mudará de figura.

A entrevista ia longa. Francine Benoit, também, com o seu plano não quis acrescentar mais um passo ao que já nos dissera.

— Despedimo-nos — com a certeza é que nesta entrevista ficou alguma coisa de que a vida musical, entre nós, não poderá andar alheia.

CRÓNICA A MULHER E A MÁQUINA

Ao princípio irrita-me. Dia e noite a minha vizinha me lembrava a sua existência matraqueando, no andar de cima, a sua máquina de costura.

Máquina que, a avaliar pelo ruído, devia ser pesada, difícil de manejar... Máquina que devia constituir, para ela, um ganho-pão, mas que era, para mim, um quebracabeças... Depois, com o tempo, fui-me acostumando. Um dia, ainda me arrisquei a mandar dizer, à acima, que estava doente, que me doía fortemente a cabeça e não podia suportar o barulho da máquina's.

E, delicadamente, ela mandou-me dizer que desejava as melhoras, mas que não podia deixar de coser... Isso me valeu ter verificado, depois, que eu, afinal, sempre podia, com dores de cabeça e tudo, suportar o tal ruído enervante, monótono, da máquina de costura.

Por fim, o barulho que a minha vizinha fazia, a coser, sempre a coser na sua máquina barulhenta e pesada, passou a fazer parte da minha vida. Já escrevia e lia perfeitamente ao som daquela horrível música de fundo...

Um dia conheci a minha vizinha. Via-a à janela, num curto intervalo do trabalho, entre sardineiras de sangue. Achei-a linda. E passou, de futuro, a parecer-me

agradável o ruído monótono, enervante, da máquina pesada...

Há pouco, estranhei o silêncio do prédio. Eram duas da tarde e a máquina da minha vizinha permanecia calada! E não resisti à tentação de mandar perguntar qual a razão daquele silêncio que, meses antes, teria agradecido reconhecidamente.

— A minha estava doente! — foi a resposta.

E eu tive vontade de mandar perguntar se o ruído da minha caneta, a escrever alguns artigos, para mim tão necessários como os seus trabalhos de costura, poderia incomodar a tranquilidade da minha bonita que eu viro, dias antes, entre as sardineiras da janela...

Agora, a minha vida só tornará a normalizar-se quando voltar a ouvir o ruído monótono da máquina pesada — da máquina que, no seu ritmo certo, me garantirá que o coração da minha pobre vizinha continuará a bater, certo e compassado, como a sua máquina de costura...

ANILAS NAZARE

O que diz Max Blay

DO "FIVE O'CLOCK COCKTAIL" (BEBEDEIRA ELEGANTE...)

O «five o'clock tea» passou à história. Aquele chá que durava das cinco horas até às sete, em que as linguas compridas trabalhavam tanto sobre as vidas íntimas de cada um, era, na vida social, uma tradição e um rito... Hoje, nos países muito civilizados, é apenas recordado pelas «botas de elásticos»... Agora, das cinco às sete, é a hora do «cocktail»...

* * *

O «cocktail» nasceu na América do Norte, e é filho do vício e da fantasia: uma tarde, um bebado de «carreiras», acostumado a beber durante horas sucessivas genebra, «whisky», cognac, «alcochê» e «vermut», lembrou-se, para se embriagar mais rapidamente, de misturar todos estes alcores no mesmo copo, no qual uma lâmina cirrútica lhe espregueia o sumo de um limão, na esperança de redimir o alcoolizado... que, afinal, tendo agido violentamente o copo, bem tapado, produziu, sem querer, o primeiro «cocktail»...

Itô deuse há muitos anos. Aí por 1870 já se bebiam «cocktails» nos Estados Unidos, e nesse ano publicou-se o primeiro «Manual de Receitas», no qual se anunciava também, como novidade, o fabrico do gelo artificial. O «cocktail» só chegou à Europa depois da Exposição Universal de 1889, quando em Paris «bar» anglo-americanos.

A literatura apoderou-se imediatamente dessas «novidades», e os romancistas contemporâneos de Alfonso Allais, collocaram logo os seus personagens entre as mesas dos «bars» transatlânticos, fazendo-lhes esquecer desgostos ou exaltando-a alegria com a ajuda do «scherry-cobbler», do «mint-julep», do «pick-me-up», do «prairie-oysters» e de outras bárbaras misturas. Muitas pes-

soas que nunca tinham pensado em tomar um «pick-me-up», decidiram provar aquele veneno, sugestionadas pelos livros de Allais, o que aconteceu vinte anos depois com muitos infelizes, que cairam nos abismos do ópio, da morfina e da cocaína, por se terem entregado à leitura de certos passados em paraisos artificiais...

Assim puderam os primeiros «bars» americanos em Paris criar uma enorme clientela de bebados «sinceros» e de «snobs»...

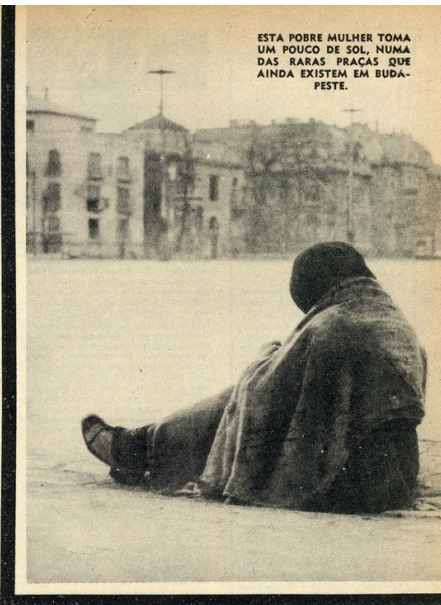
No que não há dúvida, é que o «bar» conquistou o mundo neste novo século do terceiro sexo, da pretalhada e do «jazz»...

O «bar» não é hoje só um dos estabelecimentos mais concorridos; é também uma instituição na vida privada... Um hotel que não tem «bar» é como um hotel que não tem casas de banho, e não há casa particular, bem posta, de gente de uma certa categoria, que o não tenha instalado no ângulo da sala, ou que não possua um portátil, a fim de andar em passeio dos aposentos do dono da casa para os da sua esposa, conforme os princípios do feminismo conquistador dos direitos e dos deveres...

No grande mundo, as damas, com os seus penteados à moda, e com as salas curtas, já não oferecem às suas amigas uma chávena de chá da Rússia ou da China. Oferecem-lhes um «Lucifer» ou um «Rato». Conhecem os seus senhores, a fórmula de «lucifers» é muito simples. Mistura-se um copo de elixir de Chartreuse (sem açúcar) com três copos de caruçaço roxo e dois copos de genebra. Agita-se no «shaker» entre um copo de partido. Serve-se, juntando-se-lhe uma caça de lanraja.

E pronto.

ESTA POBRE MULHER TOMA UM POUCO DE SOL, NUMA DAS RARAS PRACAS QUE AINDA EXISTEM EM BUDAPESTE.



Também a fórmula do «Rato» é elemtar: melo copo de chartreuse, dois copos de caruçaço branco, melo copo de triple-seco e dois copos de genebra. Agita-se esta mistura no «shaker», entre gelo partido, e serve-se em copos humedecidos com «bitters» de lanraja.

Para as senhoras que precisam uma super-alimentação, também se inventou a «Bosom Caresser» ou «Carlota interior», que se obtém misturando no «shaker», entre gelo, um copo de vinho da Madeira, um copo de cognac, um copo de caruçaço, um copo de granadina e três gemas de ovo.

Somem estas fórmulas a mais outras cinquenta ou sessenta, e já poderão fazer uma ideia do repertório oficial de um «bar» de sala. O «five o'clock cocktail» tem de bom que a segunda «roda» de «stucferees» ou de «ralos», nenhuma senhora conserva já o entendimento para manejar hábilmente as armas da maledicência, e ainda menos as setas da ironia...

Depois da segunda «roda» de «stucferees» ou de «ralos», já não sabem fingir nem mentir. Caem as máscaras e mostram as suas boas e más qualidades... Algumas, quando querem pôr o «báton» já não atinam bem com os lábios e pítam o queixo ou o nariz. Contudo, o «five o'clock cocktail» tem de mau que impõe às senhoras da «grande sociedade», a bebedeira elegante obrigatória... Há casais que passam as tardes a bebericrar nos «bars» e nas casas amigas, e quando chegam à hora de jantar têm que fazer grandes esforços para se conservarem equilibrados e apresentarem-se com uma certa dignidade diante dos seus filhos e dos seus criados...

O que será a futura geração nascida destas uniões com base no «cocktail»? Temos sofrido o «black-bottoms», o «shimmy», o «scharietons»; temos sofrido o horrível «jazz-band»; temos sofrido a invasão negra e a tirania da ignóbil

Josefina Baker; temos sofrido duas tremendas e pavorosas guerras; devastadoras epidemias de gripe; exaustivos faltas de géneros alimentícios; o infame mercado negro... e, graças a Deus, ainda cá estamos!

Mas se o «five o'clock cocktail» continua a prosperar, e entrar definitivamente nos hábitos femininos, a humanidade, dentro de vinte anos, é atirada para a loucura e para o crime pela terrível lei da herança...

FERNANDO D'ÊÇA LEAL

UM CASAMENTO ORIGINAL



F OI na América — pois onde havia de ser? — que se realizou este casamento original. Pela primeira vez no mundo dois noivos se reconheceram muito acima do nível dos tolbauas, numa plataforma fixa em volta de um mastro, com 53 metros de altura!

Foi em Cogheston, Ohio, no dia 1 de Julho. A noiva, que tem 19 anos de idade, subiu, vestindo umas calças, até à extremidade do mastro, e só depois legaram o seu vestido de noivado, todo em cetim branco. All se lhe juntou o seu futuro marido, Marshall Jacobs, seguidamente, o sacerdote e os convidados falaram com o feliz casal. Por meio de alto falantes!

Depois de casado, desceram do mastro, não sem terem primeiro tirado a fotografia que publicamos.

Mas o fotógrafo, para obter, teve de subir num balão, que pairou em torno da plataforma onde os noivos se casaram. Feliz pelo casamento e pela originalidade!

CONCURSO DE CAPAS PARA "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

N ESTES dias lindos de Verão aumenta, extraordinariamente, o número de fotografos amadores. E, também, o número de boas motivos para uma fotografia. Principalmente na praia e no campo, os motivos de alegria, de mocidade e vida sucedem-se — e, a maior parte das vezes, essas fotos ficam ignoradas, nos albuns dos amadores.

Pois bem: «Vida Mundial Ilustrada» abre, a partir de hoje, um concurso de fotografias de praia ou campo, des-tinadas à nossa capa. Os seis melhores trabalhos serão publicados, e isso de certo servirá de estímulo aos fotografos amadores para novos e maiores conhecimentos. Mãos à obra, pois! Num lindo sorriso infantil, num belo modelo feminino, em tudo pode estar um motivo de beleza!

LITERATURA E EXOTISMO

A expressão de vidas e sentimentos de povos exóticos por escritores de formação europeia é sempre, literalmente, uma experiência perigosa. É preciso ser dotado de muita humanidade, muita desconfiança inteligente sobre si mesmo, muita coragem ante as solicitações do efeito fácil, para não cair na caricatura detestável ou na exploração facilmente caduca do colorido superficial. A experiência dos românticos, quando iniciaram essa estranha e estéril tentativa de revelação das maravilhas do exótico à cultura europeia, teve todas as vantagens de uma soberba ilusão. Salvaram-se da tolice pura e simples algumas obras pela realidade do estilo dos seus autores, como foi o caso de Chateaubriand; mas a imensa maioria revelou no pitoresco, quando não no decorativo falsíssimo, comprometeu as melhores intenções e muito talento — e todas as criações do gênero se sumiram e desactualizaram com rapidez extraordinária.

A criação de uma autêntica literatura sobre temas africanos em Portugal está condicionada por todas as razões que o gênero implica, e mais uma: a sensação fácil do português pelo exótico, que parece ter-lhe ficado no sangue como resíduo do mediocre cosmopolitismo que caracterizou a experiência aventureira da grei, levando-o a confundir o melhor e o pior no gênero e a julgar tudo mal por deficiência simultânea de boa fantasia vivificadora e de sentido crítico arguto. Escrever boa literatura africana — sincera, verdadeira, coerente e, sobretudo, humana, em relação à humanidade do negro — será obra de mérito, mas necessariamente reservada a muito raros. É um gênero que não apetece surgir a ninguém, e em que se julga sempre com muita cautela e desconfiança. Não é agradável a ninguém ser logrado — e é logro o que encontramos mais vulgarmente na literatura de temas africanos.

«HOMENS SEM CAMINHOS», por Castro Soromenho

Com a regularidade de escritor já muito seguro dos seus meios, Castro Soromenho vem construído uma obra que é bastante mais do que uma esperança: é, sem dúvida, a expressão mais completa e plena de literatura africana que já tivemos aqui agora em Portugal. Dotado com a qualidade essencial de inteligência que é a compreensão do negro na sua humanidade genuína; com a experiência profunda que lhe gravou nos olhos e no espírito esse mundo dificilmente penetrável da gente primitiva, dos seus instintos, costumes e ritos; com um estilo claro, claro, sem outra retórica que não seja a indispensável à expressão do exotismo numa língua europeia — este romancista de temas africanos consagra em cada obra os méritos das que já publicara. Ao contrário do que muita gente supõe, o gênero que Castro Soromenho tem cultivado com tanto êxito não é fácil. O autor sabe transceder, na verdade, as solicitações do pitoresco superficial, do dramatismo de circunstância e da trivialidade falsamente engrandecida pelo exótico. Por isso se sente tão vivamente nos seus livros que está a dizer-nos a verdade.

«Homens sem caminhos» conserva em relação a «Noite de Angóla», que o precedeu, e a «Calenga», que é posterior — repare-se que este livro é uma 2.ª edição — o mesmo mérito da unidade de estilo que é uma das suas melhores certezas de romancista. As figuras negras que se movem no ambiente morno, húmido e sensual do sertão, são construídas com inteligência e equilíbrio e adive-nha-se que a energia vital de Djajala, a ansiedade estranha de Cacula, as névoas de ignorância ou os impetus de crueldade que emergem destes «homens sem caminhos», são realidades colectivas da gente africana que Castro Soromenho soube observar tão bem. Como romancista, terá tudo a ganhar com a definição mais extensa das personagens e a condensação das cenas em que elas figuram.

Não é necessário apresentar grande número de figuras para dar expressão ao fundo colectivo que é a mais forte realidade africana. Mas a todas as deficiências supera Castro Soromenho pela sinceridade com que se arranca a si mesmo da contextura da obra, representando a humanidade negra sem artifício e sem fantasia mediocre.

«ANJOS NA ENCRUZILHADA», contos por Guedes de Amorim

Entre os contistas portugueses é «Guedes de Amorim, sem dúvida, um dos que possuem melhor compreensão do drama popular — porque no povo tem debruçado constantemente o seu olhar capaz de apreender as angústias, as misérias e também as esperanças, mais raras vezes, que enchem a sua alma e a sua vida. Pessimista por conhecimento muito íntimo e sincero da realidade, o escritor não poupa o próprio e aos leitores a expressão sincera do que se habituou a ver à sua volta. Pode ser que o pessimismo lhe restrinja a visão precisa das coisas; mas o que não oferece dúvida é a sua arte de transportar para a narrativa breve do conto um retrato impressionante de dor ou de miséria.

A fome é, na sua pena, um forte tema literário. Foi esse o caminho que escolheu, quando entre nós mal se falava ainda em arte de intenção social, e o certo é que o tempo veio ao seu encontro.

«Anjos na Encruzilhada», nome do primeiro conto que figura no volume há pouco publicado, toca muito diversos temas: o das crianças abandonadas, a do crime de um mundo que as repele por serem frágeis, sujas e tristes; o da vida mundana, com o seu cinismo e os seus artificios; o das tragédias interiores da saudade ou da esperança idealizada. Por intensidade de dramatismo, estes contos de Guedes de Amorim parecem resvalar um certo exagero romanesco que contradiz o seu esforço de objectividade perante os absurdos da vida. Mas isso mesmo dá certa força aos

seus contos, ainda quando o estilo parece atarracado: em certos passos ou a matéria narrada parece encaminhar-se mais para o romance do que para a síntese vigorosa do conto que quase sempre consegue.

«CAMÕES HUMORISTA», por Luis de Oliveira Guimarães

Conferência que proferiu em tempo, ensaio breve no gênero muito pessoal, elegante e fino, que erioi, este pequeno trabalho literário de Oliveira Guimarães é um dos mais representativos do seu estilo e intencional crítica através da ironia ou do paradoxo. Nem ao de leve se deixou inclinar o autor para o trabalho de erudição sobre o humorismo em Camões. Com leveza, graça, finura, toca directamente nos pontos mais perigosos da ironia ou da sátira que o poeta cultivou em algumas das suas obras, sem excluir certos passos dos «Lusíadas». Obra de sugestão, de alvitre intelectual, este ensaio de leitura tão agradável peca bastante pela facilidade com que Oliveira Guimarães faz dos seus temas pretextos de literatura crítica. A superficialidade, porém, é compensada pela elegância de estilo que faz deste escritor, apesar das suas limitações, um dos espíritos mais civilizados e mais finos da literatura portuguesa de hoje. Se a elegância de forma, de plano intelectual, de ironia que torna encantador este ensaio sobre o humorismo camoneano, fazendo-nos desejar que obras desta ordem se dilatam em mais extensa e complexa elaboração de ideias, para a qual Oliveira Guimarães possui, no seu gênero, qualidades tão apreciáveis.

FAÇA DE PAPEL

✱ O Professor Herrán Cidade, cuja actividade, intelectual é uma excepção brilhante nos meios universitários, publica na Coleção de Ciências da Costa o 2.º volume das Obras Completas de Camões — gênero lírico maiores — com prefácio e notas do meu nível cultural.

✱ Adolfo Casela Monteiro reeditou, com leve alteração, o seu magnífico estudo sobre a «Poesia de Jules Supervielle», acompanhado de uma antologia que revela o grande lirico francês em todos os seus aspectos representativos. Edição da «Confúncia».

✱ Na Coleção Atlântida, que está a impor-se como iniciativa editorial

de alta cultura, foi publicado o «Auto de moralidade da Embarcação do Inferno», de Gil Vicente, com longo estudo e anotações do Prof. Paulo Quintela.

✱ Garcia Lorca, grande poeta do povo espanhol, símbolo inesquecível de uma época da cultura nova, é agora lembrado ao nosso publico por uma «Antologia poética» editada oportunamente pela Colmbra Editora. Os textos em espanhol foram seleccionados e acompanhados de traduções em português por Eugénio de Andrade. Um estudo de André Crabbe Rocha e um poema de Miguel Torga são ao volume maior interesse e actualidade.

GEORGE HELIOT E A LITERATURA FEMININA

SOB o pseudónimo literário de George Eliot conquistou a escritora inglesa Maria Ann Evans a nome mais célebre e prestigioso da literatura feminista dos tempos modernos. E que ela soube juntar à expressão perfeita da espiritualidade feminina — em delicadeza, em ternura, em colorido, em senso — essa condição de universalidade das personagens e dos sentimentos, sem a qual não há obra de arte definitiva. Para os leitores portugueses que por tanto tempo ignoraram a literatura britânica fora de estreitos círculos, «O mocho» de beira do rio foi uma revelação magnífica. Nem toda soberana, decerto, ultrapassar o pitoresco ao, o que é pior ainda, e tanto se fez sentir na divulgação actual do romance, a sedução fatal do estreito romântico. Mas assim mesmo (e em todos) deve ter ficado o eco dessa profunda e vibrátil sensibilidade perante a vida que George Eliot soube converter em estilo não arte e estilo de humanidade, atenta e a todo o momento delicada e lígnea. Se não possui o sentido trágico das Brontës ou o ardente êxito ante o grande e o vulgar que fez de Virginia Woolf — ainda não descoberta entre nós — um dos seus literários mais serenos e mais interessantes. George Eliot revela, como nenhuma escritora o fez até hoje, a genialidade possível da literatura feminina.

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

CONTO INÉDITO DE CASTELO DE MORAIS

EM frente da chaminé, a senhora Gertrudes esperava que o alcohol ardese de todo para fazer saltar a chama azul na coroa do fogareiro de petróleo. Enquanto esperava, lá seguindo as curvas duma ideia dolorosa. Percevia este caminho do pensamento pelos dois vincos fundos que lhe riscavam a testa e pelo franzir dos lábios que se enrugavam a protronçar o recorte da boca.

Finalmente, injectou o ar no depósito do fogareiro e a chama pulou. Ajetada na grelha a cafeteira, chamou para o lado.

—Albertina o café já está no lume; aviate que já passa das oito. Um sapateado leve. Uma voz cantante anunciava:

—Pronto, mãe! Cá está!

—Tens pão ali na cesta. O açúcar está no armário. Mantiga não há. A renoçar na gaveta dos talheres, a Albertina perguntou:

—A minha irmã já está vestida?

—Creto que não. Não a chames. Deixa-o.

E a senhora Gertrudes viuco mais a testa e premiu com força os belgos moles.

A Albertina bebeu depressa o café e mal tocou no pão seco. Sacudiu as migalhas do regaco e despediu-se:

—Até logo, mãe!

—Vale sem metas? Não sei o que parecees...

—Que hel-de ti fazer. As tuas com o sabido já têm duas malhas caídas. Mas não faz mal; agora usa-se. Fraca moda...

A Albertina não respondeu. Abriu a mala, viu-se no espelho, compôs uma onda da perna e saiu.

—Adeus seguiu-se amorosamente co. os olhos, tornou a vincar a testa e foi pelo corredor até à porta do fundo. Chagou a dobr a mão na argola mas arrependeu-se e voltou para a cozinha.

Mole, desordenada, deixou-se cair no mocho de pino e encostou-se à mesa fronteira à chaminé.

No porta da cadeada duas pancadas batidas com os nós dos dedos e uma voz fina a perguntar:

—Está cá, vizinha?

Exangiu os olhos ao avental, levantou-se e foi abrir.

—Entre, D. Mariana, entre. Não repare neste desarranjo. Mas eu ando tão cheia de não presta...

E convidou:

—Venha aqui para a casa de fora e sente-se um bocadinho. O seu homem?

—Na mesma, vizinha, na mesma. Sempre aquela dor na perna... E a sua outra pequena? Pela Albertina não pergunto, não encontro-a agora mesmo na escada.

—A outra, a Ivone, está boa.

—Não, minha na modista?

—Não, vizinha, sente-se fraca e deixou.

—A si é que isso há-de fazer diferença. Bem sabemos que era pouco, mas neste desgraçado tempo...

Ela andou muito entusiasmada com isto das fitas. Prometeram-lhe entrar numa que vão agora fazer.

—Mas até lá, vizinha...

—Eu também digo, D. Mariana, mas vá lá uma pessoa tirar-lhe aquilo da cabeçoi! Diz que são cinquenta escudos por cada vez que trabalha, e com a modista ganhava oito. Tem andado numa roda viva, nem a vizinha calcula! É de dia, é de noite... Ontem — quer dizer: hoje, porque já passava da meia noite, chegou a casa estafada. Ainda não se levantou, calcula...

—O meu homem viu-a ontem, quando vinha da consulta.

—Al isso não podia ver, vizinha. A consulta é all defronte do Governo Civil, não é?

—Si é!

—E assim se passou o dia no Lu-miar...

—As três horas estava em Lisboa. O meu Joaquim até lá falou. Estava na «bichas da madriné do Chiado Terrço».

—As bichas da madriné? Olhe que se engana, vizinha!

—Então o meu Joaquim não a conhece? Não lhe digo que estiveram a conversar... Até foi por ela que o meu marido soube da morte do meu Gervásio, do carpinteiro aqui do lado.

A senhora Gertrudes pulou de raiva.

—Esta agora! Eu te digro as fitas, minha grande velhaca!

Afitas, a D. Mariana deitava água na fervura.

—Olhe que eu não disse isto por mal, D. Gertrudes. E a pequena, coladinha, talvez não tenha culpas, quem sabe se a mandaram falar com alguém. São todos culpas de cinema...

Mas a senhora Gertrudes já não a ouvia. Entre portas falava para o corredor, chamava:

—Venha, vem cá! Ainda não achas que sejam horas?

Uma voz ensonada respondeu:

—Uma vez, mas é só o tempo de me lavar.

—Lavate depois. Vem cá!

De D. Mariana despediu-se.

A senhora Gertrudes bedinha e ficou, mas a velhota não quis assistir ao resultado da indiscreção e saiu a dizer:

—Era só para a prevenir de que amanhã há de arcar no Manuel da esquina.

D. Gertrudes tornou a chamar:

—Ivone, despacha-te! Ainda não são horas!

Uma rapariga alta, branca, loura, surgiu entre portas.

Com os vincos da testa muito carregados, a senhora Gertrudes mandou:

—Venha-te ali a que temos que conversar. Onde estavas tu ontem as três horas da tarde?

—A mãe bem sabe.

—Estavas no Lu-miar?

—Não, mãe. Antes das três vim para baixo. Lá queriam que eu e a Ester vissemos uma fita que vai no Chiado Terrasse, para aprendermos a estar em cena.

—Mas tu não me tinhas dito nada. E quem te deu dinheiro para o cinema? Tu estavas na «bichas»...

—Pois estava. Lá deram-me um cartão para trocar pelos bilhetes. O meu e o da Ester.

E com um ar desdenhoso, acrescentou:

—Já sei quem deu a grande novidade. Foi o conde do marido da D. Mariana. Ela veio buscar as alvirgas?

—Deixa a Mariana em paz, que não é para aqui chamada. Ando a desconfiar muito que isso das fitas é

uma grande fita. Já lá vão dois meses e nem um real de ganhos.

—Não é bem assim, mãe. Ontem foi o primeiro dia em que filmámos, e eles pagaram a toda a gente. Tenho all os meus cinquenta escudos.

—Se te abastahes de dia e de noite deviam ser cem, acho eu.

—Nós só filmámos à noite. De dia vim eu to Terrasse.

Mais mansa, a senhora Gertrudes apontou para a cozinha a dizer:

—O café ainda deve estar quente, mas podes pô-lo no fogareiro enquanto te lavas.

—Lavo-me depois, mãe. Estou com fome.

E enfiou para a cozinha.

A senhora Gertrudes ficou pensativa. Duas imagens distintas se lhe cruzavam no cérebro: a «bichas do Terrasse» e uma nota de cinquenta escudos. A segunda visão obliterava, em parte, a primeira, e foi a passos miudinhos que se dirigiu para a porta da esquerda, a do seu quarto de vivia.

Dez minutos depois, a Ivone entrava-lhe no quarto com a nota dos cinquenta escudos muito espalmada entre os dedos, a acenar festivamente:

—O meu primeiro dinheiro é para si. Tome lá, mãe, e agora diga mal, das fitas...

A senhora Gertrudes sorriu e não pegou no papel. Que não que ficasse com isso para alguma despesa urgente.

A Ivone teimou. Meteu-lhe a nota na algibeira do avental e, risonha, acrescentou:

—Olhe, mãe, agora peça a Deus que me saliam as raposas.

—Que raposas?

—Duas raposas «argentés» que lá rifaram entre todas. Cada uma de nós tem dez números. Quem tiver o número igual aos dois últimos da grande, tem as raposas.

Cautelosa, a mãe aconselhou:

—Olla, mete o bilhete al nessa cómoda, que tem chapa, não vás tu perdê-lo.

—Não são bilhetes soltos, mãe. É uma lista com os números e nós assinámos a série com que ficámos. Al, se me sassem! São tão lindas, mié!

—As vezes... Mas não contes muito com o ovo dentro da gallinha. E desculpara a descrença a encobrir os ombros e a dizer:

—Eu, como não tenho sorte nenhuma, não tenho fé em rifas.

—Pode ser que eu tenha, mãe.

—Deus te oiça.

—E agora, madrinha, vou-me vestir, vou-me pôr bonita para ficar bem no retrato.

—Vais vestir o retrato? Outra vez!

—Vou. Vou todas tirar. E para ficarem no arquivo do estúdio. Mas é por conta deles.

—Vé lá, não me apareças outra vez em casa à meia noite. É verdade, tu ontem não justaste? Andas a dar cabo de ti com essa vida. Era bem melhor a modista.

—Estejo descansada, mãe. Eu comi na cantina do estúdio. Lá come-se barato, e eu não podia perder o trabalho. Hoje não devemos ter tanto que fazer. Parece-me que é só tirar o retrato e experimentar a voz.

Mela hora depois, a Ivone despediu-se. A senhora Gertrudes olhou espantada para o reldigo. Eram nove e meia.

Já te vals embora? E então o almoço?

(Continua na pág 9)

O fogão que as senhoras esperavam

... É creiam que não esperarem em vão. Esta pequena maravilha realiza o seu ideal. Temos modelos de 2, 3 e 4 lumes, com forno. Experimente V. Ex. a cozinha a gás aquecida, rápida e perfeita.

O FOGÃO A GÁS HUSQVARN A É BOM PORQUE É

HUSQVARN A

LUZUC

SOCIEDADE LUSO-SUECA, LIMITADA

RUA ALEXANDRE HERCULANO 9 - LISBOA

O VELHO PORTO

Niepoort

sabe a quem sabe

MARIA LUIZA DE ALBUQUERQUE

UMA JOVEM LOCUTORA COM QUE A RÁDIO PODE CONTAR!

acima de tudo, uma disciplinada de nervos e uma extraordinária presença de espírito.

— Já alguma vez se enganou, teve qualquer incidente?

— A jovem locutora sorri. E depois, com vivacidade, prossegue: — Todas as pessoas que trabalham na rádio têm os seus incidentes. Felizmente, até hoje — e com graça: so diabo seja quem e tudo! — nunca me aconteceu nada que os ouvintes pudessem reclamar. E sabe como isto é fácil. Basta trocarmos um nome, dirmos, por isso, que o «Momento Musical», de Mozart, que acabaram de ouvir... para logo choverem no telefone senhores alarmados gritando que o «Momento Musical» é de Schubert, e que não há direito que um locutor não saiba essas coisas, etc.

— Não reparam, afinal, que um engano, uma precipitação todos têm — e, na rádio, pela rapidez da locução, isso pode acontecer com facilidade.

— Claro que, repito, nunca me aconteceu. Mas ninguém está livre desses pequenissimos incidentes.

A conversa muda de rumo. Maria Luiza de Albuquerque que fala com vivacidade, diz-nos, depois, que fora da rádio gosta de ler — e de cinema.

— Adoro o Júlio Dinis, que ainda é o meu autor predilecto. Tudo nele é simples e conveniente. A linguagem desse admirável escritor é como os versos dos passáros em plena Primavera.

— E de cinema? Quais os nossos actores que preferes?

— Aprecio muito António Vilar, artista consciencioso, que já tem os créditos firmados em várias e seguras interpretações. Teresa Casal, para ser outra artista que merece o justo prestígio que disfruta.

— E dos locutores?

— D. João da Câmara, que é um mestre da locução — e Maria Helena Magro, que tem uma voz esplêndida.

Queríamos ainda prolongar a entrevista, mas Maria Luiza de Albuquerque, de dede no ar, atirou:

— Agora, pronto, acabou-se. A emissão vai recomeçar. Se quiser ouvir-me — disse a rir — vá para casa e ligue o aparelho.



do andar e o enrugado das faces. A senhora Gertrudes estava triste, profundamente triste e preocupada. Foi nesse arrastar de chinelo que se aborreu da cômoda e que tirou do bolso do casaco que estava sobre o letto, um jornal. Desfezhe as dobras, alisou-o e colocou na gaveta da roupa. Dou volta à chave e volto para a cozinha a tratar do jantar.

Pelo meio da tarde a Ivone bateu à porta. Uma pergunta da mãe, admirada por a ver chegar tão cedo.

— Já?

— Hoje não trabalhei. Estivamos a ver os retratos e depois deram-nos licença para sair.

E, rápida, foi metendo-se no quarto. A mãe seguiu com aquela e mesmo olhar preocupado e triste que há dias a não largava.

A tarde correu sem novidade. Pelas sete e um quarto chegou a Albertina, que ajudou a pôr a mesa.

— Não rus, um garoto atregava o «Diário de Lisboa». A senhora Gertrudes tirou uma moeda de cima do aparador e correu para a porta.

Tornou a entrar momentos depois, e fechou-se no quarto. Quando voltou, a Albertina, intrincada, perguntou-lhe se tinha ido comprar o jornal, e acrescentava:

— Podia ter dito. In lá eu, escusava a mãe de subir a escada.

A senhora Gertrudes não respondeu. Abria o jornal e procurava qualquer coisa.

— O que está a ver, mãe?

— O número da sorte para dizer a Ivone. Não é hoje a rifa das tais raposas?

— É. E dese que eu o procure, mãe.

— Não é cretolo, está aqui. Olha... Uma voz clara gritou:

— Ivone! Ivone! Que número é o teu, o das raposas?

Outra voz respondeu:

— Em que número saí?

E a Albertina, morto por dar a novidade, respondeu:

— Acaba em 31.

Uns segundos de silêncio e a Albertina, esbrilhada, anunciou:

— São minhas! A minha série é de 30 a 39. Vou já buscar. Mãe, Albertina, até já.

E como um pé de vento, saiu pela porta fora.

— Já acabou, um solúcar afilto. Uma angústia enorme a desfazer-se em choro ruidoso.

A Albertina acudiu sem compreender:

— Que tem mãe! Que tem! Não esteja triste, parece que saíram as raposas à toa.

— Com a voz entrecortada pelos soluços a senhora Gertrudes explicou: — Quando a minha mãe viu as saíam... Já sabia... —

— A mãe está sempre a talar mal da mãe —

— A julgar mal? Eu? Parva! Não vêes que esse jornal é da semana passada? Foi o meu marido para ter a certeza... ou heu Deus?

E, numa onda de oranto, envolvente no chão, a gemer e a dizer baixinho:

— Ela que não traço as raposas. Não as quero ver. Não... quero... não... quero...

— Quero estar lá cedo, mãe. Não sei se tiramos os retratos antes do meio dia.

— Espera. Ao menos leve um lanche.

E chinelo para a cozinha.

Pouco depois voltava a embrulhar dois papos secos com rodas de chouriço dentro.

— Leva lato. E pouco, mas sempre teleta... —

A Ivone, contrariada, pegou no embrulho e saiu.

A senhora Gertrudes deu umas voltas na cozinha veio para a janela. Cumprimento a vizinha do lado e perguntou-lhe se a varinha da hortaliça já tinha passado.

— Quería comprar umas favas; é ainda o que se pode chegar... —

E ficou a vigiar o equinívoco.

Minutos depois carregou o sobrolho e debruçou-se na janela a fitar um garoto que vinha a comer um papo seco. Era o neto do mestre Gerásio, do que tinha morrido dias antes. Ele olhou para cima e ela brinçou:

— Tudo isso é fome, Nicolau?

— Olhe, tia Gertrudes, foi a menina Ivone que me deu. E páo com chouriço. Bem heio. E largou a correr para casa. Na mão esquerda levava um embrulhado o outro papo seco. A senhora Gertrudes bem conheceu o papel.

Voltou para dentro preocupada e tirou a nota do bolso do avental. Olhou para o dinheiro com tristeza e deixou-o em cima da cômoda.

Na rua, um prego fê-la voltar à janela. Era a varinha. Chamou e foi à porta comprar as favas. A varinha pesou os dois quilos.

— São três escudos, tia Gertrudes.

A velhota foi para dentro, pegou na nota para pagar as favas mas já a morte, tornou a vincar a testa e disse a vendelara:

— Olhe, menina Rosa, está aqui dinheiro, mas não dá, não dá, não dá, não dá amanhã. Não queria mexer nisto.

A varinha riu-se.

— Está bem, tia Gertrudes. Um dia venho cá e roubo-lhe o mealheiro...

Nesse dia Ivone veio cedo para casa. A mãe não lhe disse nada a respeito do lanche dado ao Nicolau, mas conservou-se reservada; de pouca fala.

Ao jantar tornaram a falar no dinheiro e nas raposas. Ivone lembrou que no dia seguinte era sexta-feira, dia de andar a roda. A irmã suspirou:

— Ai, se elas me sassem! Não imaginas, filha, são lindas, são uns amores. Não sei porquê, tenho cá uma fe...

A Albertina, a apañar uma malha, sorria.

A senhora Gertrudes não disse nada. Nem sequer aquele «Deus te dê filhos», que de manhã, depois da Casabá, abatia, pelo depois anunciou que a deltar-se.

No corredor tirou a nota de cinquenta do bolso do avental e abanou a cabeça devagar, num gesto mole de desânimo e de desdém. Atirou para cima da cômoda e fechou a porta.

As otto do manhã do dia seguinte já a encontraram com o casaco vestido e posta a manilha, pronta para sair.

No corredor disse alto, para que a Ivone a ouvisse:

— Vou às compras e levo a chave. Se vier a Rosa da hortaliça dá-lhe estes três escudos que estão em cima da mesa da cozinha.

E desceu a escada devagar, com duas varagens nos degraus, absorvida num pensamento fixo.

Era quase meio dia quando voltou. A filha já tinha estado casto o estúdio. Tirou a manilha e o casaco a monogar:

— Ai, minha cabeça!... Até me esqueci do almoço, e a Albertina, coltada...

No mesmo momento, palavras não eram ditas, a pequena batia à porta.

Almoçaram umas favas de véspera, uma grola de café, uma côdea de pão. A Albertina por duas vezes perguntou a mãe o que tinha, que tristeza era aquela.

— Não tenho nada; são os anos, é a vida que me pesa.

E voltou àquela silêncio témo de quem não quer pensar em coisa alguma. A filha ainda arriscou:

— Não acredito, voceemê, tem alguma coisa que não quer dizer.

Quem, acabado o almoço, tivesse seguido a senhora Gertrudes na viagem lenta para o seu quarto de dormir notaria duas coisas: o arrastado

MARIA Luiza de Albuquerque, viva e inebriante, é hoje, com um expressivo relevo, uma voz já conhecida do público ouvinte de Rádio Renascença. Melíflua, diálfena, e bem, ela tem, como poucas, o raro encanto de saber pelo microfone, criar simpatias. Dir-se-ia, ao ouvi-la, que a gente a conhece, tal como é simpática, cheia de vivacidade, com um irradiante moicidade dos seus vinte anos. Maria Luiza de Albuquerque, estudante aplicada, vinha talhada para um curso superior, que o liceu fê-lo ela com o à vontade da sua inteligência. Um dia, porém, Olavo de Aca Louz lembrou-se, em boa hora, de despertar certas vocações para a rádio, fundando essa Escola Artística de Locutores que, na sua curta vida, teve e contôdo de encaminhar alguns alunos que sentiam a paixão da rádio. Maria Luiza esteve, também, matriculada nesse curso — e, aí, ao microfeno, recebeu o seu baptismo de ar. Slava como bom técnico e professor, viu as suas reais qualidades. E, de facto, não se enganava. Maria Luiza de Albuquerque, numa curta estadia de estagiaria em Rádio Renascença tem provado, exuberantemente, que é uma bellissima locutora, concededora do emetier.

Foi num intervalo curto duma emissão que esta curta entrevista decorreu. Nem o tempo dava, aliás, para mais. Maria Luiza de Albuquerque, sempre atarefada, estuda, no Conservatório, piano, e a época actual é de exames.

— Gosta da rádio?

— Nem se pergunta. E, posso dizer, a minha paixão. Sinto, um encanto estranho pelo microfone.

E a primeira vez que falou, que emoção sentiu!

Maria Luiza de Albuquerque não se admira da pergunta. Em um sacramento lugar comum.

Sim, na verdade, dir-lhe-que a minha paixão era faltar à verdade. Mas foi coisa passageira, de segundos. Logo que vi que não havia razão para ser receio daquela boca do microfone quando a nossa boca sabe conscientemente o que vai dizer. Evidentemente, que o nervosismo advem não da locução em si, mas daquele mundo exterior que está para além da cabina. São milhares de ouvintes que estão à escuta, à espera de um erro, de um lapsus, do primeiro deslize. E por isso que o trabalho do locutor tem que ter,

MARIA Eugénia, a gentil «Menina da Rádio», começa na próxima segunda-feira a filmar, nos Estúdios Ropteuc, de Madrid, a protagonista do novo filme espanhol «Los Heroes del 95».

Trata-se, sem dúvida, duma justa homenagem ao valor artístico de Maria Eugénia, tanto mais que foi escolhida, pelos produtores espanhois, para protagonista do seu filme, depois de verem a sua actuação no filme luso-espanhol «O Hóspede do Quarto n.º 13».

MARIA EUGÉNIA

PROTAGONISTA DE UM NOVO FILME ESPANHOL

MARIA Eugénia, a gentil «Menina da Rádio», começa na próxima segunda-feira a filmar, nos Estúdios Ropteuc, de Madrid, a protagonista do novo filme espanhol «Los Heroes del 95».

Trata-se, sem dúvida, duma justa homenagem ao valor artístico de Maria Eugénia, tanto mais que foi escolhida, pelos produtores espanhois, para protagonista do seu filme, depois de verem a sua actuação no filme luso-espanhol «O Hóspede do Quarto n.º 13».



UMA POETISA IGNORADA E UMA DESENHADORA QUE O PÚBLICO DESCONHECE

O MEU SOL

O sol ao morrer, deixou-me na fronte
As nuvens sem luz do triste hori-
[sonte...

A minh'álma chora ao findar o dia
Que pena me faz ver uma agonía...

Apressadamente eu tomo o caminho,
Qual ave a justada longe do ninho;

E na paz que reina, na escuridão,
Só oiço o bater do coração...

As estrelas brilham no céu'as molhos
E brilham as lágrimas nos meus
[olhos!

Mas súbitamente surge uma luz
No triste caminho que me conduz.

Nasceu no meu peito uma nova
[laurora
Alguém em mim pensa naquela hora...

E esse alguém em mim vale um
[mundo, um sol,
E choro a cantar como um rouxinol...

Que m'importa a mim de frijo gelar?
Aqueçõe à luz do meu seigo olhar...

Já podes morrer; adeus sol poente!
Já vejo o 'meu sol, como estou
[contente!

Fol-se a escuridão; não temo nin-
[guém...
O meu sol é tu, minha santa Mãe!

gênero da nossa Terra. Poderíamos, aqui, assinalar inúmeros casos, como este. Não é porém, nosso propósito. Queremos unicamente revelar ao público a presença duma poetisa, de reais qualidades, que ninguém conhece — e que, modesta, apagada, presa absolutamente à vida caseira tem cultivado os esmeros das rimas, como vulgar distração do espirito.

Trata-se duma senhora, Maria Lucília da Silva, que nasceu poetisa — e tem, pelas forças das circunstâncias de pensar mal em ganhar a vida, do que escrever poemas.

Todavia, quando se isolia, ela esquece-se de tudo, para deixar viver, liberto, o seu belo sonho da poesia.

Escreve versos, espontâneos, graciosos, cheios de lirismo, comoventes de ternura e guardados, depois, esquecidos numa gaveta.

Apenas umas pessoas muito íntimas conheciam as produções poéticas. E todas, com entusiasmo lhe diziam que continuasse, que desse expressão de relevo às suas reais qualidades.

Mas, por timidez, e por acanhado retraimento, Maria Lucília da Silva nunca quiz aparecer com um livro.

Um dia, porém, alguém mostrou ao grande e saudosos poeta Afonso Lopes Vieira algumas produções da poetisa. E, na carta que transcrevemos, vê-se o agrado que mereceu do extraordinário lírico de S. Pedro de Muel as mais rendidas homenagens. É um documento, curioso, que re-produzimos:

Outra carta e outros inventos recebeu, depois, Maria Lucília da Silva. Uma delas da extraordinária artista Branca de Couto Colação, que a encorajou a continuar.

A par da poesia, Maria Lucília da Silva, é, também, uma desenhadora de excepcionais relevos.

As suas horas de ócio aproveitava-as, ela, para a Arte — fazendo retratos e desenhos, de aprimorado bom gosto. Eis a razão porque «Vida Mundial Ilustrada», que tem revelado ao público tantas vocações aqui apresenta mais este caso, absolutamente ignorado do público.

Maria Lucília da Silva é uma artista que merece ser conhecida pelas qualidades que possui — e que, sem o estímulo, poderá esmorecer o anseio de beleza que, dentro dela, a toda a hora se transmite em desenhos de inspirado traço e poemas de espontânea vocação.

E para que os nossos leitores avizem das possibilidades da Maria Lucília da Silva, como poetisa, inserimos uma poesia do Meu Sol, que, ao acaso, tirámos dum monte de originaes, que a artista guarda numa gaveta.

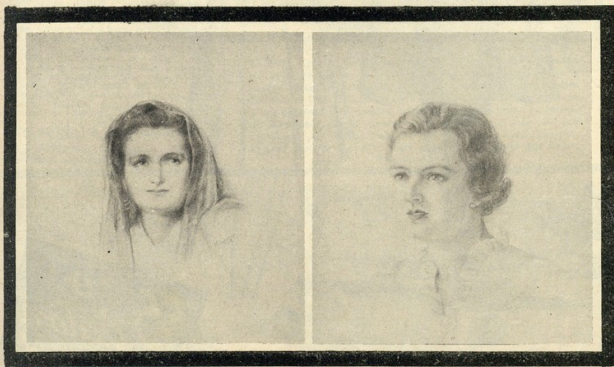
EM CIMA: A poetisa Maria Lucília da Silva.
EM BAIXO: Reprodução da carta de Afonso Lopes Vieira

QUANTAS vocações não esmorecem, por si ignoradas, sem o arrimo ou o estímulo de quem as encoraja!

Há quem faça uma vida inteira de balcão, vendendo retratos, ou atendendo as exigências da clientela, quando, na realidade, florescem, na alma os mais belos anseios da Arte. É assim que existem em profusões humildes verdadeiras vocações artísticas, que nunca tiveram oportunidade de aparecer em público. Ainda

há pouco, num barco de guerra da nossa marinha, a quando dumas visitas oficiais, se teve ensejo de verificar a presença dum artista ignorado. Tratava-se dum modesto grumete que, nas folgas fechado no beliche, desenhava os retratos dos seus superiores. Acarinhado, então, esse marujo-artista foi mandado para uma escola de arte-aplicada, onde, em poucos anos fez um curso brilhantíssimo. Hoje tem já a projecção dum artista dos melhores, no seu

Dois desenhos de Maria Lucília da Silva



APP

Rainha da Hungria

OS PRODUTOS DE BELEZA SÃO MUITO CONSAGRADOS PELA MULHER ELEGANTE

M. CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

E' distinto!

PREFERIR

Guimar, Lda

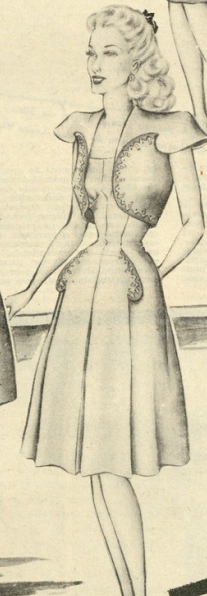
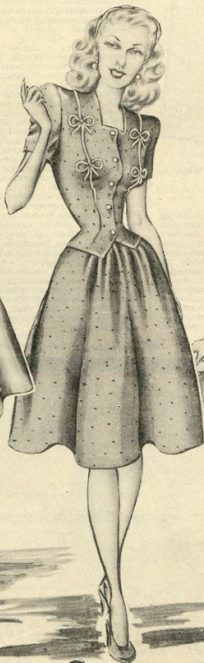
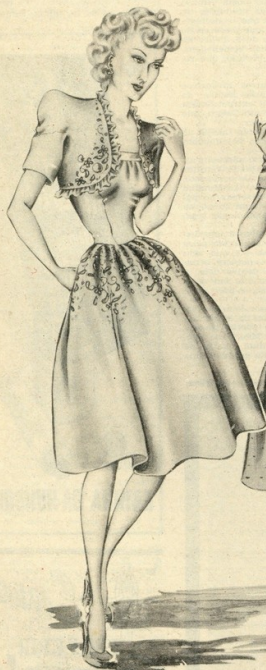
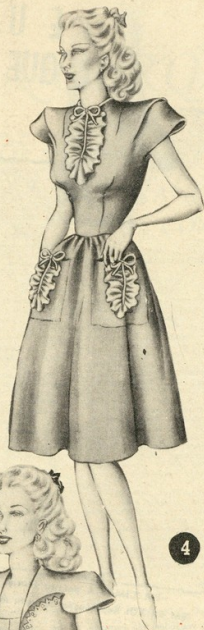
PARA DECORAR

183, Rua da Prata, 187, tel. 266.46.1050

Para si, minha senhora

4 MODELOS ORIGINAIS DE ARMINDA PEREIRA
Exclusivo de "Vida Mundial Ilustrada"

- 1) Banho de sol em linho branco bordado. Um pequeno bolero seguro por dois botões completa o conjunto.
- 2) Duas peças em esbontanga azul claro com pintas escuras. Um vivo branco adorna o casaquinha.
- 3) Banho de sol em piqué amarelo claro bordado a castanho e «beigas». Pequeno e original bolero, condizente.
- 4) Vestidinho prático em linhol verde claro. Vivos e folhinhos cêr de creme. Abotoe atrás.



"55" G
Baton
da Moda
não tem rival

ESTE HOMEM TEVE RAZÃO

DUFF COOPER

ANTIGO MINISTRO E EMBAIXADOR DA INGLATERRA RETIRA-SE DA VIDA PÚBLICA



Duff Cooper, figura proeminente do político inglês, cujo "correio parece ter chegado ao seu termo. Antigo Lord do Almirantado, desempenhou, depois de Munich, as mais difíceis missões diplomáticas. Desempenha ainda as altas funções de Embaixador da Grã-Bretanha em Paris.

Na política britânica, durante o período que medeia entre as duas guerras, período que foi assinalado por um predomínio quase constante do partido conservador, houve três homens que tudo sacrificaram, interesses e ambições, à satisfação dos imperativos da sua consciência. Por uma coincidência, que não foi certamente produto do caso todos eles militavam nas fileiras do partido que quase ininterruptamente ocupou o poder entre a assinatura do tratado de Versalhes e o começo da segunda guerra mundial. Os seus nomes podem ser recordados pela história e pela Inglaterra, sem receio de que quaisquer revelações sensacionais venham empanar o significado da sua atitude.

Winston Churchill, Anthony Eden e Alfredo Duff Cooper, em circunstâncias e em ocasiões diferentes, por meios frequentemente opostos e por métodos que nada tinham de comum, denunciaram vigorosamente os perigos que a sua pátria corria e fez correr à Europa durante os conselhos parlamentares (passe o paradoxo) dos Primeiros ministros Baldwin e Neville Chamberlain. A sua atitude desassombrada teve tanto mais mérito quanto é certo que, nessa época o partido da oposição advogava a causa do desarmamento e do apaziguamento com a ?...na expansionista e agressiva.

Desas três personalidades é de Alfredo Duff Cooper, que vai ser substituído no seu posto de embaixador em Paris, é certamente a menos conhecida e popularizada. Isso não significa que os esforços que desenvolveu para abrir os olhos aos seus compatriotas, temosa e intencionalmente cegos, tenham sido menos valiosos ou menos reveladores de uma consciência perfeita e desassomburada das realidades. Churchill começou a soalar o seu grito de alarme depois do advento do nacional socialismo, e sobretudo a partir de 1933. Eden revelou o seu desejo firme de combater a Alemanha nazi e contrariar os seus planos na véspera do Anschluss, em Fevereiro de 1938. Duff Cooper foi a figura mais saliente da política britânica nas semanas que se seguiram ao episódio de Munich.

UM TÍTULO QUE SE SACRIFICA

Em Outubro de 1938 Alfredo Duff Cooper, uma das melhores promessas do

partido conservador, sacrificou corajosamente um dos títulos mais invejados pelos homens de Estado da Grã-Bretanha. Poucos dias depois de haver assinado a ordem de mobilização da Royal Navy, abandonou voluntariamente as funções de Primeiro Lord do Almirantado enquanto a opinião pública e as classes dirigentes na Inglaterra se deixavam narcotizar pelas promessas de uma paz ilusória e irrealizável.

Esse título assim abandonado, representava um dos maiores poderes do mundo: o poder de mandar na maior esquadra que então sulcava os mares e de interpretar, aos olhos de todos os povos, a herança imperceptível de Nelson. Por detrás da figura aável e vigorosa de

Duff Cooper perfilavam-se quatro séculos de vitórias ininterruptas alcançadas com honra. Era essa herança gloriosa que a sua lealdade não podia atirar ao nem consentir que fosse atropelada sem um protesto clamoroso.

Qualquer homem que se privasse, por motivos de inteligência e por escrúpulos de consciência, do título alceante de Primeiro Lord do Almirantado mereceria, em qualquer época e em qualquer circunstância, o respeito de todos. Esse respeito não deixou de ser votado a Duff Cooper. Se essa consolação bastasse ao seu patriotismo, é certo que ele poderia dedicar-se inteiramente aos encontros do seu lar e às preocupações abstratas de uma actividade intelectual incessante, a autoridade do jornalista, do escritor e esse facto obrigavam-no a continuar a cruzada que empreendera e que devia levar a bom termo, embora para isso tivesse de correr sérios riscos e de suportar graves dissabores, de ordem pessoal e política.

O PRIMEIRO LORD DA PROPAGANDA

Depois de ter abandonado o Almirantado, por não querer pôr a sua assinatura, com as responsabilidades históricas que ela envolvia, no acordo de Munich, que abriu efectivamente as portas à guerra sob o pretexto de a evitar, Duff Cooper tornou-se na expressão ajustada de um dos seus biógrafos, o Primeiro Lord da Propaganda inglesa aos olhos do mundo. Falando nos Comuns ao crevendo o seu artigo semanal no "Evening Standard", ele foi nos meses que se seguiram interpretado lúcido do interesse nacional e o seu mais eloquente paladino.

O parlamentar ergueu-se então à altura dos mais puros e desinteressados paladinos. O jornalista perdeu toda a tendência para tratar os aspectos epidémicos e transitórios da crise que assobrevia o mundo para se transformar no croqui histórico. O biógrafo de Talleyrand, o embaixador de Versalhes, o celestial e o europeu que estávamos habituados a descobrir em todos os seus escritos, resuscitou nas colunas de um grande jornal londrino para honra da profissão que escolheu. Como Clemenceau, Churchill como Tardieu e Lloyd George, como Baldwin e Beaverbrook, Alfredo Duff Cooper foi, acima de tudo, um grande jornalista culto e objectivo, desapaixonado e lúcido.

Poucos dias depois de se ter demitido do seu cargo, Hitler tinha das suas arengas, apassionadas, denunciou-o como um perigo para a paz. Nas tribunas se entrecruzavam e justificavam as suas deduções e as suas dúvidas. A paz prometida por Chamberlain em um logro. E o parlamentar que pouco antes fora obrigado a reconhecer, com tristeza, que se encontrava isolado, viu rapidamente juntar-se à sua volta a

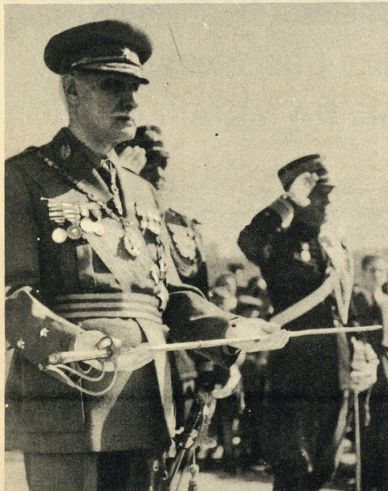
(Continua na página 16)



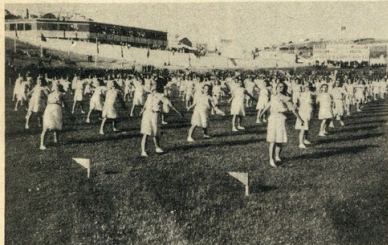
- 1) Duff Cooper, então embaixador inglês junto do Comité Nacional de Libertação da França, em Londres, assinando o acordo financeiro estabelecido entre o seu governo e aquele Comité.
- 2) Duff Cooper com o marechal Robert Brooke-Popham à sua chegada a Singapur, onde foi ocupar o lugar de Ministro Residente.
- 3) O famoso político inglês quando da sua passagem por Lisboa, em 1940, junto do nosso director.
- 4) Duff Cooper, em Java, com o governador geral das Índias Neerlandesas.



A GLORIFICAÇÃO DE MOUSINHO, HEROI DE MACONTENE



O general Vieira da Rocha conduzindo a espada gloriosa de Mousinho, seu companheiro de armas, durante a cerimónia comemorativa do batalho de Macontene, realizada no último domingo em Lisboa



Dois aspectos do festival de ginástica da FNAT, realizado no campo das Salésias, e que constituiu uma invulgar demonstração de cultura física

A VISITA A LISBOA DE 18 JORNALISTAS ESTRANGEIROS

A convite da K.L.M. que inaugurou a carreira aérea Amsterdão-Lisboa, com escalas por Genebra e Madrid, estiveram em Lisboa dezotto jornalistas holandeses, suíços e espanhóis.

Os visitantes foram obsequiados com um «Vinho de Honras» no Solar do Velho Porto, oferecido pelo S.N.I., cujo director, sr. António Ferro, lhes dedicou um jantar na «Colmeia», da Feira Popular, e visitaram Sevilha e o Portinho da Arrábida.

Entre os jornalistas estrangeiros e os seus colegas portugueses breve se estabeleceu um ambiente de rara camaradagem e cordialidade.

O grupo dos nossos visitantes era constituído por Ernest Tobler, do «Nese Zürcher Zeitung»; dr. Hans Bauer, do «National Zeitung»; dr. Ervin Jackle, do «TAT»; dr. Max Walter, do «Bund»; Hans Steiner, fotógrafo; Evelyn Schumacher; Eugen Trollix, da «Tribune de Geneve»; Albert Compagnon, do «Suisse»; Phillis Lator, do «Journal de Geneve»; Willy Chevalles, do «Courier de Geneve»; sulcos; Gregorio Puentes, do «Aya»; Francisco Pinol, do «Pueblo»; José Montero, do «Madrid»; António de Miguel, do «Informaciones»; Francisco Casares, de «La Vanguardia»; e Daniel Alvarez, de «Cifra», espanhol; J. V. Klauwer e Vogels, holandeses.



Os directores holandeses da K. L. M., com o director da agência da mesma companhia em Lisboa



A chegada do avião da K.L.M. em que viajaram os jornalistas estrangeiros que estiveram em Lisboa



Na recepção oferecida pelo director do S.N.I. aos jornalistas estrangeiros



Um aspecto do banquete oferecido em Sintra

ACTUALIDADES



A Comissão da igreja do Santo Condestável, com o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, examinando o plano das obras.

DENTES
BRANCOS E SÃOS



HL

SÓ COM
DENTÍFRICOS
CORTEZ



Portugal participou, recentemente, na Feira do Livro Espanhol em Barcelona. O nosso ministro em Madrid, acompanhado do sr. Antônio Ferro, director do Secretariado Nacional da Informação e Propaganda, durante a visita à Exposição.



Um aspecto da conferência do rev. Dr. Tomás Barba



Sintra e Colares fazem-se representar na Feira Popular de «O Séculos», por três estandes: do Turismo, da Lavoura e Comércio e da Adega Regional. Os estandes foram inaugurados com a presença do sr. Governador Civil, eng.º Carlos Santos, Visconde de Asseca, eng.º Seisal, Joaquim Pavão, da Comissão Administrativa da Feira, etc.

Proteja a sua pele delatando-a das queimaduras do sol
 Consegue um bonito tom moreno e um aspecto como o dos desportistas
 A sua pele fica flexível e não seca

DESDE 6\$00

Todos podem gozar as delicias da praia e do sol! Porém, esse prazer deve ser antecipado da dozeza da pele com Creme ou Oleo Nivea, que diminui o perigo das dolorosas queimaduras de sol, dando-lhe um aspecto saudável

Pharm. Barros & Fernandes, Lda.
 39, Rua Sagarim, Lisboa

PRODUTOS QUE REJUVENESCEM A PESSOA



ASSEGURE A FRESCURA
E ROBUSTEZ DOS SEUS CABELOS
USANDO

Petróleo iodado
Eliper

Os cabelos deixam de cair — Novos
cabelos nascem com abundância

Experimentar os produtos **Eliper**
significa adoptá-los para sempre



L. MAITRE & FILS S.A.



PRONTO
WATCH CO
LE NOIRMONT (SUISSE)
CABELOS PRONTO TEL. 4.61.05

COMPANHIA ALCOBIA

Fornecedores dos melhores e mais lindos mobiliários

CÔMODAS DE ESTILO — PORCELANAS DE SAXE
— ESPELHOS DE VENEZA — CANDEIEIROS DE
CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA
— TAPEÇARIAS — MARQUISSETTES E VOILES
SUIÇOS — CARPÊTES DE LÃ

COMPANHIA ALCOBIA

RUA IVENS, 14 (ESQUINA DA RUA CAPELO) — TELEF. 2 6441

CRÔNICA VARIACIONES SOBRE UM TEMA ETERNO

POR MANUEL MARTINHO

QUANDO um dia se fizer o inventário amoroso deste século, ficará, como índice, uma certidão de óbito: a do sentimento.
O homem há muito que excluiu da vida a paixão, o ódio o clímax. Há-de dizer-se, aqui e ali, que ainda aparece, em parangões de jornal, a pistola homicida, o desvario da navalha, a correria ao rodado do comboio, por via, tantas vezes, de qualquer esqueleto vaidoso, beuzuto de rimel e vestido de seda, que esfecelou um coração...

Sim — é verdade. O homem, quando quer voltar as costas à existência, procura sempre um acaso. Pode ser uma mulher ou uma letra pretada — uma falência ou um amor sem cotação.

Evidentemente que ele, cotado, praticado o desvario, feito o funeral, com a família carregada de crepes — nada remediou porque a fatal inspiradora do suicídio, a rir, passados dias, decaix-se admirar em «maillo» no Estoril, ou reparaça duas fumaceiras entre rapaziada alegre que bebe «whisky» e dança o «swing».

Ora esta sensaboria das paixões desapareceu. E porquê?

Porque hoje, numa época de tantos problemas que brotam, espontâneos, das complicações sociais e económicas em que milhares de cientistas e sociólogos andam envolvidos — o homem nem tem tempo de reparar bem no fogo abrasador de tantos olhos que podem salvar — ou matar — uma existência. Tempos atrás, em pleno romantismo, a mulher era, pode dizer-se, um objecto de luxo (perdiu-se-nos a expressão comercial), que dispensava a etiqueta e a mofta para se mostrar.

Qualquer cavalheiro sabia, de antemão, onde poderia procurar o que desejava. Não havia o cinema, nem as casas de chá, nem as esplanadas, nem o Tamariz.

Em contrapartida, havia o hábito económico do gargarejo debaixo da janela, de apanhar o fresco no Passelo Público, de ver as galvoas no Terreiro do Paço — coisas inocentes, sem marcação de lugares nem bilhetes comprados de véspera. A rapariga recatada só saía à rua a dar uma voltinha, pela fresca, pelo braço da família, com os fiscalizadores olhos paternos, quase sempre carrancudos. Isto, porém, não impedia que a menina prendada mantivesse correspondência clandestina com todos os primos até ao terceiro grau — e que, numa noite de luar, batesse a asa com a completude da criada confiante, por qualquer lençol atado ao parapeito. Sobretudo, isso dava-se mais nos folhetins do que na vida real. Fazia-se o serão com leituras adocedadas, onde os paíchoes divinizados serviam de fulcro a histórias inverosímeis. Ainda hoje, na literatura, aparece disso. Rapariguinhas que tuberculizam porque gostam, inocentes, de qualquer malandrim gastador e estroina que arruina o exército do mal, com as miudezas das Mercedes de exportação que centea pelos «cubaretes». É natural que o Amor se venha a vulgarizar como qualquer ciência ao alcance de todos.

Época que atravessamos, como muito bem disse o conselheiro Acácio — é do luzo. O rapaz, aos onze anos, já sabe dizer um galanteio — e engasga-se com o primeiro cigarro. Depois, seguindo pela vida fora, por perder o interesse. Aos vinte anos, feitas as contas, namorado setenário — e manteve fidedigna com o baúro intelto. Evidentemente que isto é para o rapaz que foi fadado para atrair mulheres.

Há, de facto, na natureza humana, uma tensão, sem ser artificial, que nascendo nos olhos, torna possível atrair naturas mais frágeis. Evidentemente que isto é para o rapaz que foi fadado para atrair mulheres.

Há, de facto, na natureza humana, uma tensão, sem ser artificial, que nascendo nos olhos, torna possível atrair naturas mais frágeis. Evidentemente que isto é para o rapaz que foi fadado para atrair mulheres.

Quando a mulher fala em emancipação — quer dizer casamento. Todavia, ela é, pela inteligência e pela acção, a melhor orientadora das gerações. Das suas mãos saem os homens com que o mundo tem a contar: os heróis e os cobardes.

Perdió, afinal vamos perdiendo o fio à meada. A crónica resume-se ao Amor. V. Ex. acreditam que se possa ainda morrer de amor?

E se, piamente, têm creança em tal, não sabem que é ridículo? O Amor, hoje, deve ser um jogo de raciocínio. Tal qualmente a busca de dois ou um dominó a felizes, que é mais luxuoso que a tostaão. O que pouar para além desse limite está dentro daquela máxima do filósofo: «O coração tem razões que a razão não conhece».

O casamento, hoje, é uma escritura, exactamente como uma sociedade por cotas, de responsabilidade limitada — neste caso limitada. Deve ser tido bem pesado — e, nesta vida espinhosa, cada um servir de ânimo nas horas de desalento.

Ora é isso, na maioria dos casos, que não é praticado. Ainda há dias um amigo nosso, rapaz alegre, aborrecido com a comida da pensão e com a lavadeira, que se esmerava pouco com a roupa, teve esta ideia genial — casar-se. Ao menos, assim, teria em casa a sopa e as calças virçadas.

E parece que não se tem dado mal...

O CARCATURISTA SANTANA VA EXPOR NA POVOA DE VARZIM



MANUEL Santana, nosso distinto colatorador, que, considerando hoje, um dos primeiros caricaturistas portugueses pela sua inconfundível personalidade, vai realizar no Casino da Póvoa, uma exposição de figuras cunhadas da sociedade portuguesa. Santana, há pouco, nos saldos da Livraria Bertrand, alcançou um êxito com a sua série dos seus trabalhos, vai certamente, colar-se mais um triunfo artístico nesta nova exposição.

AUTO-CARCATURA SANTANA

AR LIVRE!

O III Acampamento Popular Campista em Rio de Mouro

— Em que empregou você o último domingo?

— Estive... deixe ver! — Ah! Estive numa «matinée» de cinema!

— E você?

— Eu... estive toda a tarde num café!

O campista teve um sorriso superior e explicou:

— Pola eu passei um dia deliciosos no acampamento!

Os outros quiseram explicações. — Somos muitos, no acampamento! Gozamos as delícias do ar livre, damos pissetos aos pontos mais belos dos arredores, fazemos jogos desportivos. E tudo alegremente, sem preocupações, com o sol a bater-nos de chapa, a inundar-nos a alma, a afastar para longe as ideias tristes!

E o campista descreveu, convictamente, a vida alegre e sã do acampamento, enquanto os outros ouviam, admirados.

Por fim, um deles perguntou:

— E... quem é que faz a comida?

O campista riu, de gozto:

— Somos nós todos! Cada um faz o seu! E todos o fazem de boa vontade e até com alegria!

Vendo os outros interessados, o campista pretendia criar adeptos para a sua saudável cruzada.

— Vocêa fazem mal em não experimentar! Passam o dia no ambiente viciado do café ou do cinema e não sabem aproveitar as delícias incomparáveis do ar livre! Porque não experimentam no domingo?

Os outros entreolharam-se:

— Não posso! No próximo domingo tenho de ir ao cinema, com a família!

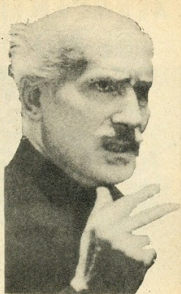
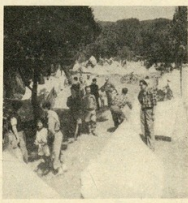
E logo o outro:

— Nem eu! No domingo tenho uma entrevista com uns amigos, no café!

* * *

Oihé, Interessado, os três amigos que conversavam. O campista tinha cores saudáveis e uma robustez que se via não ser fabricada. Os outros estavam pálidos, oshrentos... Não! Decididamente — vou experimentar!...

Por estas oito fotos pode o leitor avaliar a que foi o terceiro Acampamento Popular Campista em Rio de Mouro



TOSCANINI, O GENIAL MAESTRO, VIRÁ A LISBOA?

Depois do extraordinário êxito, alcançado por Klecki, em S. Carlos, regendo a Orquestra Sinfónica Nacional, a convite do círculo de Cultura Musical — entidade que, no nosso meio, vem trabalhando com invulgar relevo pela vida musical — fala-se, agora, na vinda, na próxima temporada, do genial regente de orquestra que é Toscanini. O S. Carlos que anda, novamente a reviver as suas gloriosas tradições — e que teve, nesta temporada de Opera Italiana, noites de inesquecível glória, será, certamente, pequeno para conter os admiradores de Toscanini, hoje considerado um dos primeiros maestros do mundo. Acresce ainda o facto de se pôr à prova, mais uma vez, as belas qualidades da Orquestra Sinfónica Nacional, que é hoje, e em qualquer parte, um agrupamento de valor, orientado pelo insigne maestro Pedro de Freitas Branco, que, à Sinfónica, vem dando o melhor do seu talento musical de regente experimentado nos melhores palcos do mundo.

MEIAS AMERICANAS (NYLON-DUPONT)

51 Gauge

A autentica meia de vidro
Recobomos directamente em todos os tamanhos

MEIA DE VIDRO

Rua Augusta, 158

ODOL sinónimo de:

Dentes brancos e brilhantes
Gengivas rosadas
Alito puro e agradável



À PASTA DENTIFRICA 100%

Peça nas boas Farmácias, Perfumarias e Drograrias um produto de confiança e the aconselharão



O ACAMPAMENTO CAMPISTA DE RIO DE MOURO



Um grupo de raparigos que participou com a sua alegria e mocidade no acampamento campista de Rio de Moura

A VIAGEM DO SR. MINISTRO DA GUERRA AOS AÇORES



O sr. ministro da Guerra desembarcando em Angra do Heroísmo



Um aspecto do cortejo, subindo a rua de Lisboa, ornamentada com um lindo tapete de hortensias.

DUFF COOPER

(Continuação da página 9)

maior parte do povo Inglês convertido às suas ideias e impressionado pelo poder persuasivo da sua dialéctica.

É forçoso reconhecer que, como ele próprio declarou, Hitler foi o seu grande aliado nessa campanha. Sem o auxílio constante do Führer é possível que Duff Cooper nunca tivesse alcançado a glória que hoje atrecho o seu nome.

O ARTIGO QUE NÃO CHEGOU A SER PUBLICADO

Poucos dias antes de estalar a guerra na Europa, Duff Cooper escreveu para o «Evening Standard» um artigo que aguardava a oportunidade de ser publicado quando a tempestade caísse sobre a Europa. O artigo nunca chegou a ser publicado naquele importante jornal londrino. Mas podemos hoje revelar algu-

mas das suas passagens que mostram até que ponto o grande político Inglês via claramente a marcha catastrófica dos acontecimentos.

«Só uma aliança internacional da paz— escrevia ele— pode efectivamente salvá-la. Essa aliança seria constituída por todos os povos que desejam opor-se, por todos os meios, à loucura da guerra. É possível organizá-lo e pô-lo a funcionar? Eis a grande dificuldade que os nossos homens de Estado precisam encarar corajosamente no sentido de a resolver.

Essa aliança redigiria, rapidamente, a carta das nações pacíficas e colocaria as potências agressivas do Eixo perante a alternativa de a assinarem, submetendo-se às suas cláusulas e obrigações ou de fazerem a guerra contra o resto do mundo a qual certamente perderiam. Esta concepção das realidades nada tem de utópico nem de irrealizável. Pelo contrário corresponde às nossas necessidades e às nossas aspirações actuais.

A tarefa que ela pressupõe tem de ser realizada rapidamente, de contrário seremos todos colhidos pelo engrenagem pacientemente preparada pelas nações agressoras. Agir e agir depressa é a condição da salvação comum.

Os homens não agiram depressa, como Duff Cooper sugeria. Os resultados suportámo-los todos nós durante seis anos da guerra mais sangrenta e devastadora que a história regista.

A MUNDIAL

SEGUROS

NÓS OFERECEMOS a vida e a beleza dos seus cabelos



«EMBRYODINE-C ou D» revolucionou a técnica da vida e da beleza dos cabelos. Não sendo uma brilhantina, dá, contudo, um brilho que jamais se apaga. Os cabelos das senhoras, secos e quebradiços, devido a tinturas, «permanentes» ou descolorações, tratados com «EMBRYODINE-C», retomam instantaneamente o aspecto da juventude, tornando-se robustos, sedosos, ondulados e radiosamente brilhantes.

Os do homem, quando tratados com «EMBRYODINE-D», não só deixam de embranquecer prematuramente, como se apresentam brilhantes, sedosos e firmes.

Para senhoras: EMBRYODINE-C — frasco para 15500 e 25500
Para homens: EMBRYODINE-D — boião, 20500

A venda nos bons estabelecimentos. Agente geral para Portugal e Espanha: J. SANTOS — Rua Santo Ildefonso, 29 — Porto. Distribuidores no Continente: ANTONIO FERREIRA PINTO, Ltd. — Rua dos Coqueiros, 123-1 — Lisboa.

Companhia Nacional de Navegação

Navio/motor «S. THOMÉ»

Saída em 27 do corrente

com escala por Leixões para Luanda, Lobito, Moçâmedes se convier, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos com baldeação

Recebe carga e passageiros

Vapor «CONGO»

Saída em fins do corrente

com escala por Leixões se convier para S. Tomé, Ponta Negra e Matadi se convier, Luanda, Lobito, Moçâmedes e outros portos com baldeação

Recebe carga e passageiros

Paquete «NYASSA»

Saída em 3 de Agosto

para Funchal, S. Tomé, S.º António do Zaire, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e outros portos com baldeação

Recebe carga e passageiros

LISBOA

Rua do Comércio, 79 e 85
Telf. 2 3021 e 2 3026

PORTO

Rua Infante D. Henrique, 73
Telf. 1434

TORNEIRAS PARA TODAS AS APLICAÇÕES

TORNEIRAS

TAGO

FICOLL 25

EVITE
as incómodas e aborrecimentos
utilizando em sua casa
as Torneiras
TAGO



O sorriso da chegada ao Rio...

ERA UMA VEZ UM GRILLO

QUE FOI, DE AVIÃO, DE PORTUGAL AO BRASIL

ESTÁ fazendo grande sucesso, no Rio de Janeiro, um grillo portuguêsíssimo que partiu de Lisboa, de avião, levado pelas mãos amáveis da artista brasileira Maria Della Costa.

Trata-se daquela brasileirinha gentil que, há cerca dum ano, chegou ao nosso país, lançando o eslogan: sestou farta de ser bonita!, e declarando querer matricular-se no nosso Conservatório de Teatro, para conseguir chegar a ser uma verdadeira artista.

Pela Maria Della Costa, como rapariga inteligente e persistente que é, fez tudo o que resolveva fazer: matriculou-se na Escola de Representar, foi aluna de Maria Matos, como desejava, e agora, ao fim dum ano de estudo, vai ao Brasil passar umas justas férias junto de seu marido, o nosso compatriota Fernando de Barros.

Parece, porém, que a gentil Maria Della Costa se aborrece com a ideia de fazer, sozinho, a viagem de avião até ao seu país.

E resolveu levar um companheiro. Quem havia de ser? E a artista resolveu levar consigo um grillo — um simpático e portuguêsíssimo grillo, que levou toda a viagem a cantar!

A chegada ao Rio, o avião aterrou no aeródromo Santos Dumont. E os jornalistas que na companhia de Fernando de Barros, esperavam a chegada de Maria Della Costa, viram-na sair do avião transportando, carinhosamente, uma minúscula gaiola com o seu «moreno» protegido!

Houve abraços, flores, dispararam-se as máquinas fotográficas e, logo às primeiras perguntas, a artista teve palavras amigas e já saudosas para Portugal.

— Já estou cheia de saudades de Lisboa! — afirmou com sinceridade.

E, logo a seguir, apresentou aos presentes o seu companheiro de viagem: — Chama-se «Pinochio», e é um camaradão!

Os brasileiros acharam imensa graça ao «Pinochio», o Fernando de Barros ficou encantado com a ideia da esposa, de lhe levar um bichinho tão simpático — que faz lembrar hortas, alfaces, vida ao ar livre — e o Rio lá tem de novo a brasileirinha gentil que veio a Portugal estudar teatro — porque queria ser mais alguma coisa do que bonita...

Mas Maria Della Costa volta breve. Em Outubro abrem as aulas e ela não faltará, como aluna aplicada e entusiasta que é. Só nos falta saber se comparecerá às aulas de mestra Maria Matos mais o seu «grillo», no louvável intuito de o iniciar nos complicados mistérios da Arte de Dizer...



... E o primeiro beijo do marido. (Primeiro depois do regresso, claro...).



Enquanto o artista mostra o passaporte, o grillo, isento desses complicações, aguarda, tranqüilo...

(Fotos «Sclara», em exclusivo para V. M. I.)

a água da vida as plantas



o petróleo
Piver
da vida aos cabelos

O cabelo pode ser comparado com uma planta... Como ela, marcha e morre se não for bem tratado.

Deve-se activar a circulação do couro cabeludo e desinfectar a cabeça com PETRÓLEO PIVER que, destruindo completamente a caspa, evita a queda do cabelo, dando-lhe vigor, saúde e beleza!

L.T. PIVER



Michel

Para os seus lábios!

Se quiser ser amada conheça o baton Michel... o baton de tons incantantes à base dum creme para conservar os lábios juvenis, suaves e atraentes. O baton Michel nunca resaca os lábios, não empasta, nem é gorduroso... é tudo o que deve ser o baton por excelência.



Michel

NEW YORK - PARIS - LONDON

BATON • PÓ DE ARROZ • ROUGE
COSMETICO • SOMBRAS
CAKE MAKE-UP

Ad 46-8



Um detalhe da recepção

"THE GLORIOUS FOURTH JULY" FOI COMEMORADO EM LISBOA



Dois sorrisos, na recepção do Embaixada americana



O Embaixador da América falando aos seus compatriotas



Aspecto do baile que se seguiu à recepção

«Dia da Independência da América» foi festejado em Lisboa com uma recepção nos jardins da embaixada, na qual o ilustre Embaixador dos Estados Unidos, Dr. Herman Baruch, preferiu uma vibrante alocução aos seus compatriotas.

O Dr. Baruch frisou, também, a amizade luso-americana nos momentos difíceis para o seu país, afirmando que dá graças a Deus por que dá graças ao seu presidente, ao seu gabinete e a todos os seus auxiliares em todo o Mundo, a graça divina e o velho americanismo que fez do seu país, e o conservará, «a terra dos livres, a pátria dos heróis».

Na embaixada foram recebidos muitos cartões e telegramas de várias individualidades portuguesas e estrangeiras.

O FIM TRÁGICO FIM DE MIHAILOVITCH

MIHAILOVITCH foi condenado à morte! O tribunal de Belgrado acaba de marcar esse trágico fim ao homem que num momento encarnou a luta dum povo contra o invasor: o general Draža Mihailovitch. Transformado no romântico herói da Jugoslávia, o seu nome encheu todos os jornais. As suas façanhas foram mostradas ao mundo como exemplo do mais acendrado patriotismo. Mas agora que o tempo deixou encerrar os factos com serenidade, Mihailovitch surge-nos como homem em quem, a paixão política, e o ódio cego contra as outras organizações patrióticas, tinham apagado o verdadeiro sentido da luta. E foi essa obstinação, esse ódio que não conseguia vencer, que armaram o seu braço. A partir desse momento, Mihailovitch não foi mais uma força ao serviço da sua Pátria, nem de ideias alevantadas. Organizou guerrilhas que utilizou para combater pela libertação do povo da Jugoslávia. Seguidor foi lutavam contra o tribunal que o julgou, cometeu numerosos crimes de guerra, tendo comandado pessoalmente as forças que lutavam contra o seu próprio país.

A colaboração com os Italianos e Alemães a partir de 1941 e com os "Quislings" do governo de Stojitch na Sérvia, foi provada, assim como a concordância dada a todas as atrocidades e a todas as medidas para extermínio dos guerrilheiros. Nikola Donovic e Dragic Joskimovic, De seus dois advogados, Donovic tomou parte no julgamento e esforçaram-se por colocar os debates no plano internacional, o facto de não ser interdito ao público tomou parte de Mihailovitch contra as forças da libertação, forças que ele oprimiu, combateu e exterminou.

Ficou agora encerrado o debate sobre este comparso dos acontecimentos trágicos e dramáticos que enlutaram o mundo. Em cinco semanas de julgamento, ouviu-se sempre na sala do tribunal de Belgrado, a voz daqueles que sem culpas foram vítimas de inenarráveis sofrimentos. E essas vozes, pediam justiça!

A DEFESA: Os dois advogados defensores de Mihailovitch esforçaram-se por levar os debates para o plano internacional.



A ACUSAÇÃO: O coronel Miłos Minic, procurador geral que dirige a acusação.



O ACUSADO: Mihailovitch lê com resignada calma os documentos úteis à sua defesa.



ZINALIA

PRODUTOS DE BELEZA · PERFUMES

Produtos à venda em todos os casos do ramo — Distribuidores gerais: ANTÓNIO FERREIRA PINTO, Limitada
Rua dos Correios, 123 — LISBOA PORTO — Rua de Ponte Nova, 70

UMA ESTREIA NA ESTRATOSFERA, UM FILME "MILITARISTA" E O ACORDO DE WASHINGTON

Por FERNANDO FRAGOZO

A CABA de realizarse a 6.000 metros de altitude, a primeira estrea mundial em filme. O acontecimento deu-se num «Constellation», que sobrevoou a Atlântida, a caminho de Londres. O nome da produção estreada? «So goes my love», da University, com Myrna Loy e Don Ameche nos protagonistas.

O éxito foi de tal ordem — acredita o «Motion Picture Herald» — que se prevê, num futuro próximo, a generalização da iniciativa. Os aparelhos de 16 milímetros, com o seu filme ininflamável, vão permitir, regularmente, estas sessões nos estratosferas, que proporcionarão aos passageiros agradável distração nas longas horas das viagens transatlânticas.

«Atravessa o Atlântico em companhia de Ingrid Bergman e Gary Cooper» — poderá ser amanhã o «slogan» lustrico dum cruzeiro aéreo, se o filme a exhibir na viagem for «Stratop»...

T RINTA segundos sobre Tóquio, que fez em Lisboa uma escassa semana, alcançou em Paris um éxito colossal: um milhão e duzentos mil espectadores e trinta milhões de francos de receitas. O filme a glória do general Doolittle, e que era a crónica admirável do extraordinário feito do bombardeamento de Tóquio, foi seleccionado pelas autoridades dos Estados-Unidos para ser exhibido nos cinemas de Berlim incluídos na área de jurisdicção americana.

Segundo informa a «Cinematographie Française», as mesmas autoridades que escolheram o filme resolveram agora retirá-lo do cartaz, após as críticas feitas pelas jornalistas alemãs, que o classificaram de «perigosas», na parte em que constitua apologia do militarismo. Como todos estão lembrados, aquela produção respeitara, em absoluto, a realidade dos factos. A fantasia interviu em doses mínimas — e nunca de forma a ofender os acontecimentos que constituem a fase mais importante da acção. Quer dizer se o filme fazia a apologia do militarismo é porque essa mesma ideia inspirara o «raid» — e comandara o glorioso feito dos «cruzadores «spunkers». Por outro lado, retirá-lo do cartaz equivale a negar a realidade dos factos e a esconder dos alemães

um feito de guerra dos que fazem só por si a glória dum país, dum país pacífico que teve que forjar armas e soldados após a traição feita por que lhe impuseram a necessidade de entrar em accção. Trinta segundos sobre Tóquio prova, pelo menos, que o militarismo japonês tirou derrotas pela vontade e patriotismo dum nacional que, embora não militarista, soubera ser, nos campos de batalha, tão militarista ou mais militarista do que qualquer outra.

P ROSSEGUE em França a polémica a propósito do acordo cinematográfico negociado em Washington pelo sr. Léon Blum.

Dum modo geral, os técnicos e as entidades representativas da industria consideram-no absolutamente ruinoso, sob todos os aspectos.

Henri Jeanson declarou: «O sr. Léon Blum é o Gamelin desta operação comercial, catastrófica para o cinema francês». E concluiu: «Il est revenu. Il n'a rien vu. Il est vaincu».

Seja como for, succedem-se as declarações, os despoimentos, as entrevistas, as reuniões sindicais, as assembleias. O acordo de Washington está na ordem do dia.

O sr. Léon Blum entende que também deveria dizer algumas palavras sobre o assunto. E assim começou por declarar:

«Confesso que se tivesse sido imprudente, em nome dos superiores interesses da França, sacrificar a corporação cinematográfica francesa, tê-lo-ia feito sem hesitar, embora disposto a dar-lhe, logo a seguir, no plano nacional, legítima compensação».

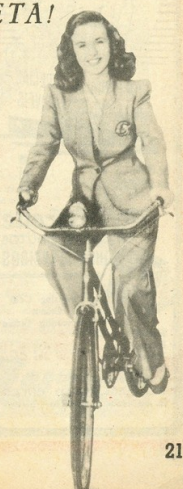
O sr. Blum traçou, adiante, o quadro da situação da França e os trancos que lhe dá na mão para Japão. Além disso, frisou, não nos devemos esquecer de que a França deve aos Estados Unidos «une certaine gratitude». Sem a dizer claramente, o sr. Léon Blum parece ter pensado que não basta nestes ajustamentos internacionais contar com a força da razão — porque vale muito mais a razão da força. E a razão da força, neste caso, seria representada por um país em situação económica desastrosa, e que não tivesse necessidade premente de recorrer ao ouro americano...



ESTA É A MAIS BELA MULHER DO CINEMA AMERICANO

A MAIS BELA MULHER DO CINEMA AMERICANO DEDICOU ESTA FOTO AOS HEROIS DE MIDWAY E DE IWOJIMA. E ASSIM SE COMPREENDE QUE, HOJE, ANN SHERIDAN SEJA UMA DAS FAVORITAS DOS «FUZILHEIROS NAVAIAS» E DOS MARIÑHEIROS DO TIO SAM.

A VOLTA A HOLLYWOOD EM BICICLETA!



Não se trata, propriamente, dum prova organizada, nem tão pouco dum despique entre os «oxes» do pedal de Hollywood...

A bicicleta, com as restrições de gasolina e a falta de pneus, entrou nos hábitos das vedetas da Cineslândia. E assim, democraticamente — como diria um speakers dos jornais de actualidades... — o mundo do cinema adoptou, encantado, este meio de transporte, rápido, pratico e económico.

Aqui têm, por exemplo, Deanna Durbin, logo pela manhã, a caminho dos estúdios; Tyrone Power, que aproveitou um dia de férias para respirar o ar fresco do campo; Clark Gable em amena conversa com Joan Crawford, que parece ter rejuvenescido com o prémio da Academia de Hollywood; e, finalmente, Andy Hardy — perdão, Mickey Rooney — lançado em plena velocidade, para chegar a horas ao encontro combinado com uma das «Pollys» da sua carreira de conquistador...

«Tirem os casacos! Ponham-se a frescas!» Paulette Goddard interpretou, a letra, o «mot d'ordres» destes dias de calor. É assim que faz o gesto... Não será muito cômoda, nem tão pouco académica, a atitude. Mas temos de concordar que a vedeta francesa está simplesmente encantadora.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

PASTA MEDICAL
Conto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Valgar pequena — tubo 4\$00
Valgar grande — tubo 7\$00

Tika
MATA
PERCEVEJOS
BARATAS
PULGAS
TRAÇA

A VENDA EM TODA A PARTE

Caixa pequena..... 3\$00
Caixa grande..... 8\$00
Dep.º: COUTO, L. 4.ª — Porto
L. S. Domingos, 105

Crème
Marcelle
UM PRODUTO ESPECIAL PARA PELES SENSÍVEIS

OS PRODUTOS DE BELEZA
Marcelle
SÃO PRODUTOS HIPO-ALÉRGICOS

Cleansing Cold Cream
Lubricating Cream
Foundation Cream
Hand Cream
Vanish Cream
Epilating Cream
Medical Cream
REP. EXCL. PAULO COCCO
R. Andrade, 4 r/c Esm. — Lisboa

ENUNCIADO
HORIZONTAIS: 1—Espécie de tartaruga indígena de Cuiabá; examinel. 2—Cavaleiro que, nos jogos olímpicos, disputava o prêmio com dois cavalos; regressar. 3—Honestidade; moeda. 4—Oposto à moral; atarefado. 5—Sétima nota da escala musical; unidade monetária portuguesa. 6—Soldado armado de carbina. 7—Lavar; nome de letra que no alfabeto negro corresponde ao nosso m. 8—Mastado da convivência social; abater. 9—Tira de pano sobre que se ajustam os punhos e o colarinho; tivera por obrigação. 10—Pedestais; fazerei aderir com cola. 11—A personalidade de quem fala; pronuncia de modo nasal.
VERTICAIS: 1—Colher marfiscos; à beira mar; pretexto. 2—Produzir anemia em; lugar onde, segundo as crenças religiosas, estão as almas dos justos. 3—Bucha de peça de artilharia; polidos. Forma as abas de (um chapéu); pequenos arcos. 5—Terreno em que crescem árvores silvestres; entre nós. 6—Que têm modo de tolo. 7—Interjeção (designativa de interrupção); bola que no jogo se imete com a raqueta. 8—Fluxo e refluxo periódico das águas do mar; cautão de uma letra de câmbio, consignada na mesma letra. 9—Bati com vara; dá o ser a. 10—Infame; aparelhar. 11—Jornadeir; tornale louro.

PROBLEMA N.º 70 — SOLUÇÃO
HORIZONTAIS: 1—Asar; ímpar. 2—Lume; doura. 3—Upar; arrás. 4—Dorsífero. 5—Era; evo; ara. 6—Rescaldar. 7—Amuar; ouse. 8—Ploer; goga. 9—Errar; oral.
VERTICAIS: 1—Alude; rapé. 2—Supor; emir. 3—Amara; suor. 4—Ressecar. 5—Ida; iva; ror. 6—Morfólogo. 7—Purê; aduar. 8—Arar; rasga. 9—Razo; areal.

Fanasha é um concorrente também dado às musas, e assim enviou os seguintes versos, contendo bem a verdadeira solução que se pretendia: O erlado cobigando da fortuna bom quinhão, na história que vai contando quer ao Inspector fazer ver que o pequenito, do caderno tinha dado um trambalhão. Mas o marau não notou que a sua história não presta; se o caso assim se passou, o garoto, por seu mal, partia o occipital e jamais partia a testa... E por não fazer ideia deste caso tão banal, a vinte anos de cáddria, contendeu o tribunal. Tal qual como Fanasha, a quem felicitamos pela versalhada, mas em pressa, assim disseram a grande maioria dos concorrentes.

Eis a sua lista completa:
Com 10 pontos: Lapace, Maria Luiza, Philo Vance, Xis, Rocombolo, Elviro, Oraval, Algudem, local (109); Detective Águia e Juvenal de Oliveira (100); Reporter 8 (99); Artur Vhratofo (98); Agente Koka Tsvio (97); Fantomas (96); Licam (86); Fanasha (77); Pereira Soares (72); Inspector Radar (66); Jomos (54); Fernando Rosa (39).
Com 8 pontos: Mr. J. G. Reeder (103); Ordail, Dropé, Erbeilo e Mr. Dell (96).
Com 5 pontos: Filipe José da Silva (91); H. E. (78); Ordailo Lima (70).

POSTA RESTANTE
Filipe José da Silva — Tudo se remediou quanto ao problema n.º 7, onde teve 10 pontos.
Inspector Radar — Também lhe contei 10 pontos no problema n.º 7, pelo que fica tudo bem.
Philo Vance — Não manda um problema para o II Torneio? Creia que muito gostava que assim fosse. Cumprimentos.
Rapsag e Artur Varatojo — E vocês?
Oraval — Cã espero um problema seu. Não se esqueça.
Zãrcha — Deixou-nos de vez, ou momentaneamente? Lamento bastante não a contar com colaboradora assidua desta minha secção. Cumprimentos respeitosos.
Mimi Beckerloch Holmes — Se a sua habilidade e entusiasmo comegassem a brilhar neste cantinho policial, dar-me-ia por imensamente satisfeito. Poderá ser?
Detective Beirão — Grato pela sua visita e espero que se deixe ficar neste convívio amigão.
Fernando Rosa — Acertel então. Um abraço e íntimo a continuar, pois dos fics é que eu cã quero.
Reporter 8 — Há optimismo na sua carta. Conclua-se as nuvens negras que toldavam os ares foram levadas pelo vento dum compreensão amigã.
Artur Varatojo — Não mande um problema que todavam os ares foram levadas pelo vento dum compreensão amigã.
Juvenal de Oliveira — Tem razão. Simples graha. Na presente classificação já está tudo certo.
Dr. V. C. e Mário Marques — Desta vez falharam. Sucede aos melhores detectives... Cumprimentos.
Mário Luiz — Tem permitido o seu desejo de formar equipa com mais três senhoras, o que era, de facto, interessante.
Fernando Rosa — Parece-me difícil o seu alvite. No entanto, eis aqui fica; pretendo-se que as equipas sejam representativas de clubes desportivos. Que lhes parece, caros colegas?
Jacoti — Sim, senhor, pode mandar o problema, que será bem aceite.

Enigma
Orientado por Leiria Dias

Aguardemos, pois pode ser que Zãrcha, Mimi Sherlock Holmes e Natércia Leite, três habéis detectadoras, se resolvam a fazer-lhe a visita.
Detective Invisível! — Seja bem-vindo. Como verá noutro epigrafe, o problema foi aceite. Saudações.
Inspector Radar e Sete de Espadas — Não mandam um problema? Gostava de os cã ver como produtores.

tar sobre a ideia ventilada na resposta do colega Fernando Rosa na «Posta Restante» deste número. Até agora concordaram com a classificação colectiva, os seguintes concorrentes: Maria Luiza, Xis, Jacoti, Elviro, Oraval, Algudem, Rocombolo, Juvenal de Oliveira, Jomos, Fernando Rosa, Licam, Fantomas e Mário Marques.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS
A fim de apurarmos da aceitação por parte dos nossos colaboradores, do alvite de Detective Águia, continuamos recebendo as opiniões gerais. E já agora, gostaria de vos auscultar sobre a ideia ventilada na resposta do colega Fernando Rosa na «Posta Restante» deste número. Até agora concordaram com a classificação colectiva, os seguintes concorrentes: Maria Luiza, Xis, Jacoti, Elviro, Oraval, Algudem, Rocombolo, Juvenal de Oliveira, Jomos, Fernando Rosa, Licam, Fantomas e Mário Marques.

REGISTO DE PROBLEMAS

Morto ao Janitar, por Xis — Aprovado, tratando-se dum curioso assunto, belamente aproveitado. Com um tiro no peito, por Detective Invisível — Aceite igualmente, pois o problema está bem arquitetado.

MUITAS CHAVES PARA ABRIR
MUITAS PORTAS...



...MAS A CHAVE DUM FUTURO CERTO
ESTÁ NUM SEGURO DE VIDA NA

UTRAMARINA
RUA DA PRATA, 108 - LISBOA
AS MELHORES CONDIÇÕES — AS MAIS SÓLIDAS GARANTIAS

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL POR CARLOS FERRÃO

CAPITULO XXXI A FORTALEZA EUROPEIA

surgisse sem que a tivessem preparado conveniente e oportunamente.

UMA REUNIÃO DOS REPRESENTANTES DOS PAÍSES OCUPADOS

Antes de dar conta à Câmara dos Comuns da sua viagem e dos resultados que com ela tinha sido possível conseguir, o secretário de Estado britânico reuniu no palácio de Saint James, numa espécie de conferência inter-alçada, que já entrara nos hábitos da diplomacia aliada, os representantes dos diversos países ocupados da Europa, que se haviam associado à Grã-Bretanha na luta comum contra as potências do Eixo. Nessa reunião o sr. Eden teve ocasião de esclarecer certos pontos de vista dos representantes dos governos daqueles países sobre o que se passara durante a sua viagem aos Estados- Unidos e sobre as consequências positivas das diligências a que procedera. A situação de alguns desses países e o seu futuro, segundo revelou o sr. Eden, constituíram o motivo principal de uma parte importante das conversações em que tomara parte.

Efectivamente, tanto a Grã-Bretanha como os Estados- Unidos, agora que as perspectivas de uma vitória certa começavam a desenharem-se com suficiente nitidez no ambiente em que a luta estava a desenvolver-se, começavam a preocupar-se muito seriamente com as repercussões possíveis dessa vitória e de maneira especial com o arranjo de um novo equilíbrio no continente europeu. A importância e a significação incontestável das vitórias alcançadas pelos exércitos soviéticos e o avanço desses exércitos em direcção ao ocidente constituíam para os dirigentes anglo-

-americanos um motivo de preocupação tão profundo como a ameaça que Reich e a sua máquina de guerra alin-a representavam para a segurança da Grã-Bretanha e dos Estados- Unidos.

Tanto em Londres como em Washington havia o propósito firme de não permitir que a vitória, uma vez alcançada, se traduzisse por uma diminuição da influência anglo-americana na Europa. Mas as realidades representadas pela crescente importância do factor soviético no quadro geral de movimentos de resistência local, mais ou menos identificados com a política russa, se opunham à autoridade dos elementos que se conservavam fiéis aos governos exilados que se haviam instalado em Londres.

UMA VIAGEM DE INFORMAÇÃO BEM SUCEDIDA

Das declarações feitas pelo sr. Eden na Conferência de Saint-James e na sessão da Câmara dos Comuns em que usou da palavra, era legítimo concluir que a sua viagem a Washington tivera um objectivo essencial de informação e contacto para abrir o caminho a negociações mais largas e mais importantes, as quais, segundo todas as probabilidades, seriam confiadas ao Primeiro Ministro Churchill. Mas essas mesmas declarações também legítimo concluir, com fundamento, que o sr. Eden se esforçava por criar uma situação favorável sob o ponto de vista pessoal nos meios políticos e nos círculos dirigentes norte-americanos.

CHURCHILL — EDEN

O secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha regressou a Londres nos primeiros dias de Abril. Sobre os resultados que, num sentido positivo alcançara com a sua viagem, correaram, como é natural, as mais diversas e desencontradas versões. Segundo uma, a viagem teria sido um êxito completo, e Eden teria feito uma impressão muito favorável nos meios políticos norte-americanos, particularmente exigentes. Segundo outros, os resultados alcançados teriam ficado muito aquém das esperanças que os dirigentes britânicos haviam depositado na realização da viagem.

O sr. Eden encarregou-se de esclarecer o mistério da sua viagem fazendo um relato pormenorizado do que com ele se passara durante a sessão da Câmara dos Comuns do dia 8 de Maio, que diz: aproximadamente um mês depois da realização da viagem. Depois de se referir ao acolhimento cordial que lhe tinham dispensado os americanos, desde o presidente Roosevelt até ao mais obscuro membro do Congresso, o sr. Eden afirmou que no decurso das conversações que se prolongaram durante algumas semanas, tinham sido tratadas três ordens de assuntos.

«Em primeiro lugar — declarou ele — tratámos das questões imediatas e directamente relacionadas com a guerra e com a sua condução. Tratase de uma guerra inteiramente nova — a guerra total — e é natural que para a ganharmos tenhamos de empregar processos que certamente há algum tempo mal poderíamos imaginar. Não deve estranhar-se, por isso, que o Foreign Office, que em geral é alheio a esse género de preocupações, tenha sido forçado, desta vez, a encará-las e a procurar para elas uma solução conveniente.

Numa guerra de coligação — prosseguiu o sr. Eden — uma das principais tarefas que incumbem aos dirigentes dos países que nela se encontram envolvidos consiste, precisamente, em acertar os seus pontos de vista e em pôr de acordo os interesses que estão encarregados de acutelar. Na minha qualidade de membro do gabinete de guerra britânico, fui naturalmente levado a deixar-me guiar por esse género de considerações e a tratar com os nossos amigos americanos as questões relacionadas com a condução da guerra, de que tenho um conhecimento tão completo quanto possível neste momento.

AS EXIGÊNCIAS DA GUERRA E AS CONVENIÊNCIAS DA PAZ

Referindo-se às outras duas ordens de assuntos tratados durante a sua viagem a Washington, o secretário de Estado britânico referiu-se a elas nos seguintes termos: «A segunda ordem de assuntos que tive de tratar diz respeito à cooperação política entre a Grã-Bretanha e os Estados- Unidos, cooperação que a própria evolução da guerra tornara Imperativa. Essa cooperação precisa ser estreita, e sem ela a guerra nunca faria os rápidos progressos que é legítimo esperar. A verdade é que há muitos aspectos da cooperação anglo-americana que precisamos frequentemente revistas e tratamos, pois correspondendo a situações novas exigem novas soluções. Se conseguirmos encontrar e impor essas soluções ficaremos em condições de fazer face, com êxito, às importantes transformações que em vários teatros da luta não deixaram de se produzir dentro de um prazo de tempo limitado.

A terceira ordem de assuntos a que o sr. Eden se referiu no seu discurso, dizia respeito à natureza das relações que por virtude da guerra e das suas exigências, a Grã-Bretanha e os Estados- Unidos precisam manter com outras potências, e nomeadamente com a U.R.S.S. e a China. A necessidade de identificar essas relações fazia-se sentir de maneira cada vez mais imperativa, e era indispensável que elas se estabelecessem definitivamente num ambiente de inteira compreensão e confiança que os dois países se haviam edificado o sr. Eden — as provocações de uma nova guerra dentro de pouco tempo.

«Para isso — disse ele concluindo as suas considerações — o melhor presente que poderemos oferecer aos nossos povos e aos nossos aliados será o estreito entendimento entre os dois países de língua inglesa, e os quizermos evitar os empenhos na conservação da paz. Foi para alcançar esse entendimento que se cimentaram as conversações que tive em Washington com os nossos amigos americanos.

Esta linguagem não deixava margem para dúvidas quanto ao sentido exacto em que essas conversações tinham sido orientadas. Para além da guerra, das suas exigências transitórias e das suas imposições prementes, os beligerantes começavam a pensar na paz e a recetar que ela

Em todas as IDADES...

...é necessário fortalecer os ossos e os músculos para evitar o esgotamento e a doença.



Reunindo a fibra e a resistência de um fillo ao reequilibrar a acção dos seus princípios activos...

A diminuição da alegria, a falta de apetite, a indolência, o cansaço, a falta de memória, os nervos excitados, os sinais de alarme com os quais o organismo anuncia uma perda de resistência. Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico e recorra com confiança ao Tóforo Ferrero.

Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornam-se tão mais ágeis e o seu cérebro funciona melhor, o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-o mais feliz e agradável.

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Tóforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUENTE E ALIMENTAR



Após um longo período de recuperação, o sr. e a sr.ª tiveram um filho saudável.

Os jovens que na época de estudos frequentam o seu consultório, todos tornam-se em jovens saudáveis.

A família inteira terá o equilíbrio e a saúde graças ao seu componente químico de alto nível.

Nunca será um conselho se as suas crianças não estiverem a tomar Tóforo Ferrero.



«Tailleurs de praia, branco

MARLENE FEZ ESCOLA...

ESTÃO EM MODA AS CALÇAS, MINHAS SENHORAS! AFINAL, MARLENE, TÃO CRITICADA PELA MODA QUE LANÇOU, PARECE QUE FEZ ESCOLA! APRECIEM ESTES CINCO MODELOS E, SE ALGUM DELES LHE AGRADAR — ESTÃO ÀS ORDENS!...



Este tecido quadriculado dá uma bonita silhueta



Calça a três quartos, em branco



Esta calça é branca e a camisa
branca e preta



Calção para ciclistas, em flanela

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO * EDITOR: PEDROSA MARTINS
 PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2. * LISBOA * TEL. 2.5844 *
 * C. G. Nº 100.000.000